

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CRISTIANE SEVERO**

**UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE TEORIAS E  
REFLEXÕES QUE CONTEMPLAM A ÓTICA DOCENTE**

**Porto Alegre  
2010**

**CRISTIANE SEVERO**

**UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE TEORIAS E  
REFLEXÕES QUE CONTEMPLAM A ÓTICA DOCENTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós- Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

Porto Alegre

2010

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

S498n

Severo, Cristiane

Um novo olhar sobre a educação física a partir de teorias e reflexões que contemplem a ótica docente / Cristiane Severo. – Porto Alegre, 2010.

115 f.

Diss. (Mestrado) – Fac. de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus.

1. Educação Física. 2. Educação Física Escolar. 3. Docência – Abordagens – Educação Física Escolar. I. Stobäus, Claus Dieter. II. Título.

CDD: 372.86

Alessandra Pinto Fagundes  
Bibliotecária  
CRB10/1244

**CRISTIANE SEVERO**

**UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE TEORIAS E  
REFLEXÕES QUE CONTEMPLAM A ÓTICA DOCENTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós- Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 12 de Janeiro de 2010.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus - PUCRS

---

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera - PUCRS

---

Prof. Dr. Vera Lúcia Pereira Brauner - PUCRS

Dedico esta conquista a todos os  
Professores de Educação Física que fazem a  
diferença em suas escolas e com seus  
alunos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço o presente trabalho a todos que de alguma forma possibilitaram e participaram deste sonho comigo:

- A Deus pelo dom da vida;
- Àqueles que neste mundo têm o maior amor por mim: meus pais Ivan e Jádí, minhas madrinhas Ieda e Ilione e minha irmã Camila;
- Ao Coordenador do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Prof. Dr. Marcos Villela Pereira e aos demais professores, pelo desafio e incentivo de trilhar caminhos novos e desconhecidos;
- Ao Professor Orientador, Dr. Claus Dieter Stobäus, pelo acolhimento, compreensão e dedicação na construção desta dissertação;
- Aos Professores, Dr. Juan José Mouriño Mosquera e Dr. Vera Lúcia Pereira Brauner, pela disponibilidade e colaboração;
- À Colega e amiga Marinice, pelo carinho, bom humor, incentivo ao desafio e contribuição com leituras e apontamentos pertinentes;
- À Colega e amiga Rosangela, pelo apoio, cuidado, mas em especial pelo afeto e tranquilidade manifestados nas horas de desespero;
- Às Professoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental Lucas Araújo de Oliveira, pelas orientações, esclarecimentos e pela paciência impagável;
- Aos Professores entrevistados, pela disponibilidade e valiosa contribuição na realização desta pesquisa;
- Aos amigos e amigas pela torcida;
- À Brida (minha gata), minha companheira inseparável, minha distração e meu calmante nas horas mais difíceis;
- A CAPES pelo apoio financeiro, imprescindível neste estudo.

*“A Educação exige os maiores cuidados,  
porque influi sobre toda a vida”.*

Lucius Annaeus Seneca

## RESUMO

Influências advindas de diferentes correntes de pensamento e tendências científicas, políticas ou pedagógicas são utilizadas no discurso pedagógico contemporâneo, características semelhantes são transpostas também para o campo da Educação Física, que sofre variadas influências, construindo suas práticas sobre o alicerce histórico-social em dado momento. Acreditamos que fez-se necessária uma análise do pensamento corrente acerca do momento atual na área, em especial à Educação Física Escolar, para que possamos apontar dimensões da temática que possam corroborar com a construção deste novo olhar, aqui desde a visão do docente. Percebemos indícios de que a Educação Física, embora com conotações diferentes, ainda sofre influências do paradigma da aptidão física e esportiva, refletindo na formação e ação pedagógica do Professor. Ela passou por diversos momentos, tem reconhecimento legal, mas cabe indagar: por que ela não foi capaz de consolidar-se, legitimar-se melhor junto a pais, alunos, equipe diretiva e aos demais professores? Assim, sentimos a necessidade de questionarmos que abordagem pedagógica de Educação Física os professores estão desenvolvendo hoje nas escolas. Portanto, o presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, com abordagem descritiva interpretativa. O embasamento teórico seleciona autores como Bracht, Castellani Filho, Darido, Moraes, Neira, entre outros. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada e interpretados pela Técnica de Análise de Conteúdo, emergindo quatro categorias: A Escolha Profissional, A Abordagem Pedagógica da Educação Física na Escola, Construção de uma Identidade de Educação Física e o Professor de Educação Física como Processo. Constatamos que os Professores entrevistados, embora perpetuem sua prática pautada na abordagem pedagógica tradicional/tecnicista, explicitam certo movimento de mudança, direcionando para a abordagem pedagógica progressista; entendem que há necessidade de uma nova postura frente à abordagem pedagógica vigente, em que o conhecimento, o comprometimento e a persistência são indispensáveis nesse processo; consideram que a teoria e a prática devem caminhar juntas para que, efetivamente, haja uma ação pedagógica condizente, com práticas pedagógicas docentes realmente consistentes e enraizadas em uma concepção de ser humano, vida e sociedade, para que o professor seja agente de transformação com liberdade de ação, estimulando e buscando, através de estudo e reflexão, princípios que orientem sua ação para o processo educacional pleno.

*Palavras-Chave:* Educação Física, Abordagens, Novo Olhar, Ótica Docente.



## ABSTRACT

Influences arising from different schools of thought and scientific trends, policies, or teaching are used in contemporary educational speech, similar features are also incorporated into the field of Physical Education, that has varied influences, building its practices on the historical and social foundation at some point . We think that it was necessary an analysis of current thinking about the actual moment in the area, especially the School Physical Education, so that we can point size of the problem which may corroborate the construction of this new look, here from the view of teachers. We realize evidences that the Physical Education, although with different connotations, is influenced by the paradigm of physical and sport fitness yet, reflecting in the formation and action of the teacher. She went through several times, has legal recognition, but it is worth asking: why was she not able to consolidate and legitimize itself better together parents, students, management team and the other teachers? Thus, we feel the need for questioning the pedagogical approach to Physical Education the teachers are developing today at schools. Therefore, the present study is a qualitative research, with interpretative descriptive approach. The theoretical basement selects authors as Bracht, Castellani Son Darido, Moraes, Neira, among others. Data were collected through semi-structured interview and interpreted by the Content Analysis Technique, emerging four categories: The Professional Choice, The Pedagogical Approach of Physical Education at School, Construction of an Identity of Physical Education and Teacher of Physical Education as a Process. We found that the teachers interviewed, although perpetuate their practice based on the traditional/technicalities pedagogical approach, explicit some movement for change, pointing to a progressive educational approach, consider that there is need for a new posture in the current educational approach, where knowledge, commitment and persistence are essential in this process, consider the theory and practice must go together so effectively, there is a pedagogical action that match with pedagogical practices used by teachers really consistent and rooted in a conception of the human being, life and society, so that the teacher be an agent of transformation with freedom of action, encouraging and seeking, through study and reflection, principles that guide their action to the educational process fully.

*Keywords:* Physical Education, Approaches, New Look, Optics Teacher.

## RESUMEN

Influencias venidas de distintas líneas de pensamiento y tendencias científicas, políticas o pedagógicas son utilizadas en el discurso pedagógico contemporáneo, características semejantes son observadas también en el campo de la Educación Física, que sufre variadas influencias, construyendo sus prácticas sobre la sustentación histórico y social en actual momento. Creemos que se hace necesario un análisis del pensamiento corriente respecto al momento actual en el área, en especial, la Educación Física escolar, para que, apuntemos dimensiones de la temática que puedan corroborar con la construcción de esta nueva perspectiva, desde la visión del profesor. Percibimos indicios de que la Educación Física, aunque presente connotaciones distintas, todavía sufre influencias del paradigma del preparo físico y deportivo, reflejando en la formación y acción pedagógica del profesor. Ésa pasó por diversos momentos, posee reconocimiento legal, pero hay que cuestionar: ¿ por qué ella no fue capaz de consolidarse, afirmarse mejor junto a los padres, alumnos, equipo directiva y a los demás profesores? Así, sentimos la necesidad de cuestionar que abordaje pedagógico de Educación Física los profesores están desarrollando hoy en las escuelas. Por lo tanto, el presente trabajo es una investigación calificativa, con abordaje Descriptivo Interpretativo. El embasamiento teórico selecciona autores como Bracht, Castellani Filho, Darido, Moraes, Neira, entre otros. Los datos fueron colectados a través de entrevista semiestructurada e interpretada por la Técnica de Análisis del Contenido, emergiendo cuatro categorías: La elección Profesional, El Abordaje Pedagógico de la educación Física en la Escuela, La Construcción de una Identidad de Educación Física y el Profesor de Educación Física como proceso. Constatamos que los profesores entrevistados, además de continuaren con su práctica basada en el abordaje pedagógico tradicional/tecnicista, explicitan cierto movimiento de cambio, direccionando para el abordaje pedagógico progresista, estos entienden que hay necesidad de una nueva postura frente al abordaje pedagógico actual, en que el conocimiento, el comprometimiento y la persistencia son indispensables en el proceso; consideran que la teoría y la práctica deben caminar juntas para que , efectivamente, ocurra una acción pedagógica adecuada con prácticas pedagógicas docentes realmente consistentes y arraigadas en una concepción de ser humano, vida y sociedad, para que el profesor sea agente de transformación con libertad de acción, estimulando y buscando, a través de estudio y reflexión, principios que orientan su acción para el proceso educacional pleno.

*Palabras-Clave:* Educación Física, Abordajes, Nueva Perspectiva, Óptica Docente.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Paradigmas e Abordagens .....	25
Quadro 2 – Tendências da Educação Física .....	34
Quadro 3 – Abordagens Pedagógicas da Educação Física .....	42
Quadro 4 - Produção do GTT 5 – Escola no período de 1997 a 2005.....	45
Quadro 5 - Categorias encontradas nos Anais dos Conbraces de 1997 a 2005 – GTT 5 – Escola .....	45
Quadro 6: Produção dos GTs 04, 06, 08, 12 no Período de 2007 – 2008 .....	48
Quadro 7: Categorização dos GTs 04, 06, 08, 12, no Período de 2007 – 2008.....	48
Quadro 8 – Produção da Temática Educação Física Escolar do Banco de Teses e Dissertações da CAPES – no período de 2007 a 2008. ....	53
Quadro 9- Categorização dos Trabalhos relacionados à Educação Física Escolar encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES no período de 2007 a 2008 .....	54
Quadro 10 – Categoria 1.....	72
Quadro 11 – Categoria 2.....	77
Quadro 12 – Categoria 3.....	83
Quadro 13 – Categoria 4.....	90

## **LISTAS DE SIGLAS**

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte  
CEFD – Centro de Educação Física e Desportos  
CFE – Conselho Federal da Educação  
CNE – Conselho Nacional da Educação  
CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte  
GT(s) – Grupo de Trabalho(s)  
GTTs – Grupo de Trabalhos Temáticos  
JERGS – Jogos Escolares do Rio Grande do Sul  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
NIEATI – Núcleo Integrado de Estudos e Apoio a Terceira Idade  
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 O PONTO DE PARTIDA DESTE ESTUDO .....	14
1.2 APRESENTANDO O TEMA.....	17
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
2.1 O CONTEXTO EDUCACIONAL ATUAL .....	20
2.2 CORPO, MOVIMENTO E SOCIEDADE.....	26
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA.....	28
<b>2.3.1 Revendo o ontem e o hoje da educação física escolar no Brasil .....</b>	<b>28</b>
<b>2.3.2 As abordagens pedagógicas da educação física .....</b>	<b>34</b>
2.3.2.1 Abordagens pedagógicas preditivas da educação física.....	35
2.3.2.2 Abordagens pedagógicas não- preditivas da educação física.....	38
<b>2.3.3 Estado de conhecimento da educação física.....</b>	<b>42</b>
2.3.3.1 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE .....	42
2.3.3.2 Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd.....	45
2.3.3.3 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.....	49
2.4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	55
<b>2.4.1 O professor e sua formação .....</b>	<b>55</b>
<b>2.4.2 O professor e seu papel .....</b>	<b>60</b>
<b>3 CAMINHOS DESTA INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>64</b>
3.1 OBJETIVO .....	64
3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	64
3.3 QUESTÕES NORTEADORAS .....	65
3.4 PARTICIPANTES E AMBIENTE DA PESQUISA.....	66
3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS .....	67
<b>4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>69</b>
4.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	69
4.2 DESVELANDO AS CATEGORIAS .....	71
<b>5 DISCUSSÕES E COMENTÁRIOS SOBRE AS CATEGORIAS EMERGIDAS.....</b>	<b>72</b>
5.1 A ESCOLHA PROFISSIONAL .....	72
<b>5.1.1 O gosto pelas atividades físicas e esportes.....</b>	<b>72</b>
<b>5.1.2 Educação Física/ Segunda Opção.....</b>	<b>75</b>
5.2 A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA .....	77
<b>5.2.1 Abordagem Tradicional/Tecnicista .....</b>	<b>77</b>
<b>5.2.2 Abordagem Progressista .....</b>	<b>80</b>
5.3 CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	83
<b>5.3.1 Prática pedagógica mais próxima da proposta pedagógica.....</b>	<b>83</b>

<b>5.3.2 Educação Física como Componente Curricular .....</b>	<b>86</b>
<b>5.4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROCESSO .....</b>	<b>90</b>
<b>5.4.1 A formação como professor de educação física .....</b>	<b>91</b>
<b>5.4.2 O papel enquanto professor de educação física .....</b>	<b>95</b>
<b>5.4.3 As perspectivas como professor de educação física .....</b>	<b>98</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLETINDO POSSIBILIDADES .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>113</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 O PONTO DE PARTIDA DESTE ESTUDO

A escolha deste tema e dos questionamentos que norteiam este estudo, foram se constituindo ao longo da minha formação. Acredito que a Educação Física Escolar é uma das disciplinas que vem sofrendo transformações mais profundas ao longo dos tempos. Se até a década de 1980 o compromisso atribuído à área era de revelar talentos e a melhoria da performance física, hoje direciona-se para a reflexão sobre as produções humanas que envolvem o movimento.

Desde a minha infância e mais especificamente na adolescência, indícios apontavam que futuramente me tornaria uma professora de Educação Física. Sempre estive envolvida com o esporte e a dança durante a minha Educação Básica no Colégio Marista de Santo Ângelo na cidade de Santo Ângelo/RS. Assim, realizei minha formação acadêmica na área de Educação Física, ingressando no Curso de Educação Física – Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria/RS – (UFSM) no ano de 1993 e no ano de 1997 fui Licenciada em Educação Física por essa Instituição de Ensino Superior dando início a minha caminhada profissional.

Na passagem pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), durante a formação inicial, a primeira percepção, a de que a Educação Física transcende ao esporte (nesse caso o voleibol, de onde veio toda a minha vivência em equipes). Começo a interação com as demais temáticas da Educação Física, onde tive a oportunidade de participar de projetos de extensão e de estágios curriculares.

Nesse período, fui Monitora, passando a ser mais tarde Coordenadora Técnica do Projeto de Extensão ‘A Terceira Idade da Dança’, do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), vinculado ao Departamento de Desportos Individuais do Centro de Educação Física e Desportos, o qual possibilitava aos idosos da comunidade vivências diversificadas de movimentos através da Dança e da Expressão Corporal. Em relação aos

estágios curriculares, participei como Estagiária junto à Escolinha de Natação da Associação Desportiva da UFSM, desenvolvendo aulas de natação e hidroginástica.

Outro momento foi ao iniciar a participação no Grupo de Estudos sobre o Envelhecimento Humano do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI). Este grupo me possibilitou iniciar na pesquisa científica, da construção de textos às apresentações de trabalhos em eventos. O envolvimento com o Grupo de Estudos e as atividades desenvolvidas nos projetos do NIEATI, foram determinantes para a escolha naquele momento de trabalhar com a Educação Física voltada à Terceira Idade.

Com isso, em 1998 tive a oportunidade de ingressar no Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Pesquisa e Ensino do Movimento Humano, na área de Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Concluí a Especialização no ano de 2000 com a Monografia intitulada: As Mudanças Significativas no Cotidiano dos Idosos que Participam do Projeto A Terceira Idade da Dança. Almejava continuar meus estudos investindo na Pós-Graduação em nível de Mestrado, o que acabou sendo postergado.

No ano de 2001 através de um Contrato Temporário de Pessoal, ingressei no Serviço Público Municipal da Cidade de Santiago/RS, na função de Professora de Educação Física na Escola de Ensino Fundamental Aurora Mello Lubnon, no qual mais tarde tornei-me efetiva. Os dois anos que lecionei nesta escola foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional, pois tive a certeza que fiz a escolha correta pela Educação Física e descobri na Escola, uma área fascinante de trabalhar.

Em 2002, realizei Concurso Público Estadual, sendo aprovada para o Ensino Fundamental e Médio em Santiago, onde fui designada para trabalhar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Lucas Araújo de Oliveira e posteriormente no ano de 2003 no Colégio Cristóvão Pereira.

Vivenciando o cotidiano escolar começam as minhas inquietações acerca das questões que norteiam a Educação Física, a teoria e a prática parecem não caminhar na mesma direção refletindo na ação pedagógica dos professores.



Os Cursos de Formação oferecidos na maioria não contemplam a temática da Educação Física, aumentando a necessidade de buscar fora, intervenções que possam contribuir para as mudanças de posturas referentes à Educação Física Escolar.

Paralelo às atividades escolares, não querendo deixar de lado o trabalho com a Terceira Idade, no ano de 2006 iniciei um trabalho voluntário junto ao Projeto ‘Corpo em Movimento’, realizado no Centro Cultural ‘Aureliano de Figueiredo Pinto’, na cidade de Santiago, coordenando a oficina de ginástica e dança para pessoas adultas maiores.

No ano de 2007, passado o período de Estágio Probatório, partindo de algumas inquietações, dificuldades e aprendizados que vieram se constituindo desde a graduação referente à Educação Física, me motivei a buscar um Curso de Pós- Graduação/Mestrado que estivesse direcionado à Educação no contexto geral, onde eu pudesse discutir, trocar e, sobretudo, repensar a minha concepção de Educação Física e o meu papel enquanto educadora no contexto da escola.

Na busca pelo Curso de Pós- Graduação/Mestrado, encontrei na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS – no Programa de Pós- Graduação em Educação a Linha de Pesquisa Desenvolvimento da Pessoa, Saúde e Educação. Direcionei minha área de estudo a esta linha de pesquisa e me inscrevi no Programa, sendo aprovada no processo de seleção.

Então, em 2008 iniciei o tão sonhado e esperado Mestrado na Educação, com o intuito de corroborar com a transformação, questionando e analisando a Abordagem Pedagógica de Educação Física desenvolvida nas escolas hoje.

Esses são alguns dos fatos de maior importância ocorridos na minha vida acadêmica e profissional. Acredito que somente através do estudo, da atualização, do querer permanente do ‘saber’, da motivação seja ela intrínseca ou extrínseca é que podemos ir em busca de nossos objetivos, para que realmente possamos fazer mudança/diferença em nossa sociedade.

## 1.2 APRESENTANDO O TEMA

A inclusão da Educação Física na escola ocorreu no Brasil no século XIX, com a Reforma Couto Ferraz tornando-a obrigatória nas escolas da Corte e mais tarde com a Reforma Leôncio de Carvalho com a inclusão da ginástica baseada nos métodos europeus. Assim, ao longo dos tempos, a Educação Física foi periodizada a partir de influências de um contexto histórico e político: Educação Física Higienista e Educação Física Militarista, com influências provenientes da filosofia positivista e de interesses militares; Educação Física Pedagógica com influências tecnicistas; Educação Física Competitivista; Educação Física Popular e Educação Física Social. No final da década de 1970 e início da década de 1980, em oposição à vertente mais biologicista, tecnicista e esportivista, surgem novas abordagens na Educação Física Escolar, inspiradas no momento histórico social pelo qual passou o país, nas novas tendências da educação de uma maneira geral, além de questões específicas da própria Educação Física.

Na década de 1980, iniciou-se uma profunda crise de identidade nos pressupostos e no próprio discurso sobre Educação Física, que originou uma mudança significativa nas políticas educacionais da Educação Física Escolar. O enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno (priorizando educação infantil, primeira a quarta séries) e não mais a função de promover os esportes de alto rendimento que estava voltado principalmente para a escolaridade de (quinta a oitava séries) do Ensino Fundamental.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Educação Física, atualmente coexistem na área, várias abordagens, resultantes da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Todas as correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área, o que a aproxima das ciências humanas. Embora contenham enfoques diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano.

As abordagens que tiveram maior impacto a partir de meados da década de 1980, de acordo com Castalani Filho (1999), Souza Junior (1999) e Darido (2003), são comumente denominadas de: Aulas Abertas, Construtivista, Crítico-Superadora, Atividade Física para a

Promoção da Saúde, Desenvolvimentista, Plural, Crítico- Emancipatória, Humanista, Psicomotricista, Sistêmica e Tecnicista.

Percebemos indícios de que a Educação Física, embora com conotações diferentes, ainda sofre influências do paradigma da aptidão física e esportiva, refletindo na formação e ação pedagógica do Professor. Nesse contexto, sentimos a necessidade de questionar que abordagem pedagógica da Educação Física os professores estão desenvolvendo nas escolas hoje?

A Educação Física passou por diversos momentos, teve importância política e reconhecimento legal, mas cabe indagar por que ela não foi capaz de se consolidar, se legitimar como disciplina na escola, junto aos pais, alunos, equipe diretiva e aos demais professores?

Sabemos que essa impressão vem de uma leitura e compreensão anterior na qual a Educação Física era vista como uma disciplina segregacionista, elitista, excludente e promovida através de exercícios estereotipados.

Hoje temos a consciência de que a Educação Física transcende a atividade física propriamente dita, uma vez que a Educação Física se refere aos conhecimentos sistematizados sobre o movimento humano, conhecimento esse, que deve capacitar o aluno, para com autonomia, otimizar suas potencialidades e possibilidades de movimentos para se regular, interagir e transformar o meio ambiente em busca de uma melhor qualidade de vida, diz Ferraz (1996). Ademais, estamos vivendo numa época em que além da busca por uma boa qualidade de vida, tentamos manter hábitos de vida saudáveis, o prazer na realização de atividades, inclusão de crianças, jovens, adultos, idosos e portadores de necessidades especiais.

Contudo, percebemos ao vivenciar o cotidiano escolar que a teoria e a prática deveriam caminhar lado a lado para que efetivamente haja uma ação pedagógica condizente, pois as práticas pedagógicas do professor realmente serão consistentes se estiverem enraizadas na sua concepção de ser humano, vida e sociedade. Por isso é importante que o professor busque, através do estudo e da reflexão encontrar princípios válidos que orientem a sua ação para o processo educativo pleno do educando.

Em um contexto existencial disposto desta forma, justifica-se este estudo que pretende com um novo olhar contribuir com as reflexões acerca do tema, bem como, colaborar com o avanço nas discussões sobre a área da Educação Física.

A Dissertação ‘Um Novo Olhar Sobre a Educação Física a Partir de Teorias e Reflexões que Contemplem a Ótica Docente’ tentará dentro das limitações de uma pesquisa de Mestrado, colaborar com as produções já existentes, através da retro-alimentação de dados para que haja neste tipo de intervenção no futuro, um trabalho com qualidade científica e educativa cada vez mais aperfeiçoada.

O trabalho de Mestrado se valerá também da experiência da própria autora no assunto, pois participa, há sete anos, como Professora de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio, na Rede Estadual de Santiago/RS.

Um trabalho *a posteriori*, partindo de uma experiência vivenciada pela pesquisadora e baseado numa metodologia qualitativa, poderemos, aprofundar e resgatar questões sobre a temática, de tal maneira que um investigador considerado neutro e distanciado desta realidade jamais poderia desvelar.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O CONTEXTO EDUCACIONAL ATUAL

A análise da realidade educacional atual, imersa em constantes evoluções de idéias pedagógicas num contexto que oferece cenários marcados por vertiginosas inovações e aceleradas mudanças, faz-se necessário repensar a Educação frente às demandas advindas de uma nova visão de sociedade e de mundo.

Neste contexto de perspectivas teóricas futuras em relação à educação, revisitamos o passado contextualizando o modelo educacional vigente no século XIX e início do século XX, para que possamos entender o cenário atual da educação.

O momento nos faz remeter ao modelo vigente da época, newtoniano-cartesiano que segundo Behrens (2005) consistia na separação da mente e matéria e fragmentação do conhecimento em diversas partes para buscar maior eficácia.

O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro, diz Morin (2000).

Moraes (2004, p. 47), a respeito do modelo tradicional, pontua que:

O paradigma tradicional, simplificador, continua configurando o lado a abordagem Tradicional, em que o aluno é caracterizado como ouvinte, paralisante e imobilizador das atuais propostas educacionais que ainda predominam nas nossas escolas, apoiadas no positivismo, no behaviorismo, no mecanicismo caracterizadores do pensamento mais tradicional de educação.

Em 1930, surge em oposição a abordagem Tradicional, a abordagem Escolanovista, onde os enfoques são encontrados nos indivíduos. Nesta abordagem, o aluno é um sujeito ativo que aprende pela descoberta e o professor uma personalidade única que facilita a aprendizagem. A abordagem enfatiza à vida psicológica e emocional do indivíduo, destaca Mizukami (1986).

Inspirada pela Revolução Industrial e com o objetivo de adequar o sistema educacional à orientação político-econômica surge a abordagem Tecnicista, “para suprir a deficiência do mercado, que precisava de indivíduos capazes de executar funções específicas, ou seja, a escola se tornou uma formação para atender as necessidades do mercado”, colocado por Libâneo (1986, p. 31).

Os alunos, nesta perspectiva, são condicionados, passivos, obedientes, privados de criticidade, competentes e eficientes para aquela função que foram treinados.

De acordo com Bertrand e Valois (1994), o paradigma industrial domina uma grande parte das sociedades contemporâneas e está associado diretamente aos paradigmas educacionais racional e tecnológico.

Gadotti (2000), diz que a Educação Tradicional, enraizada na sociedade de classes escravista, destinada a uma pequena minoria, iniciou seu declínio no movimento renascentista, mas ela sobrevive até hoje, apesar da extensão média da escolaridade trazida pela educação burguesa. A Educação Nova, que surge, a partir da obra de Rousseau, trouxe consigo numerosas conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e das metodologias de ensino. O autor coloca ainda que, tanto a Educação Tradicional quanto a Educação Nova apresentam uma concepção de educação como processo de desenvolvimento individual.

Assim, pesquisadores e estudiosos da área afirmam que desde o final do século XX, vivemos uma transição paradigmática, buscando um novo paradigma educacional que demanda uma revisão na visão de mundo, de sociedade e de homem.

Entendemos que o modelo newtoniano-cartesiano teve sua importância em determinado contexto, mas hoje, perceber o conhecimento com o progresso científico-tecnológico, diante da sociedade atual, este paradigma não consegue mais contemplar.

Dentro desta perspectiva, o relatório da UNESCO, destacado por Delors et al. (2006), nos coloca que a educação não é um ‘remédio milagroso’, mas tem um papel essencial no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Entre outros caminhos e para além deles; é uma via para recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras.

Ademais, a educação deve servir para levar o indivíduo a si próprio, numa viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. Deve preocupar-se também em levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão. É uma experiência social, em contato com a qual o educando aprende a descobrir-se a si mesmo, desenvolve as relações com os outros, adquire bases no campo do conhecimento e do saber-fazer.

Neste sentido, Pereira e Hannas (2000, p. 29) colocam, em relação ao momento de mudanças na educação, que “o primeiro passo para a educação é sair da visão separatista rumo à visão integradora; sair da visão reducionista de ser humano rumo a uma visão mais ampla”.

Corroborando com este pensamento, Bertrand e Valois (1994), salientam o Paradigma Existencial, o qual deu origem a diversas reflexões e a várias teorias da educação reunidas sob a designação de uma educação humanista. Nesta corrente de pensamento, citam Rogers como o autor mais célebre, o qual propôs uma teoria da educação a partir de dois princípios: a concentração no aluno e as relações interpessoais.

Mosquera (2003), sinaliza a Educação como um meio de se tentar modificar os sistemas sociais e culturais, através da inovação e, especialmente, de uma aprendizagem, que seja capaz de superar não apenas os currículos tradicionais ou simplesmente os movimentos postos em moda pelas teorias diversificadas no campo educativo.

Bertrand (2001 apud MOSQUERA, 2003 p. 47), salienta:

[...] nos últimos, tempos tem havido grande abundância de Teorias da Educação, mas que é fundamental encontrar, não só um corpo teórico coerente, mas um sentido para a vida das pessoas, alicerçado naquilo que de mais simples o ser humano possui, que é a inteligência diretamente unida à sua afetividade e, como consequência, o seu desempenho social.

No final do século XX, a ciência e a educação passam por mudanças, as quais, sugerem o distanciamento com o passado delineando uma nova sociedade, com novas necessidades, precisando novos caminhos.

Em relação às novas teorias surgidas ultimamente, Gadotti (2000, p. 13) diz que:

[...] despertam interesse dos educadores os paradigmas holonômicos, ainda pouco consistentes. Complexidade e holismo são palavras cada vez mais ouvidas nos debates educacionais. Nessa perspectiva, pode-se incluir as reflexões de Edgar Morin, que critica a razão produtivista e a racionalização modernas, propondo uma lógica do vivente. Esses paradigmas sustentam um princípio unificador do saber, do conhecimento em relação ao ser humano, valorizando o seu cotidiano, a sua vivência, o pessoal, a singularidade, o entorno, o acaso e outras categorias como: decisão, projeto, ruído, ambigüidade, finitude, escolha, síntese, vínculo e totalidade.

Percebemos a forte tendência à incorporação de um novo paradigma, norteador por uma nova construção e reconstrução não apenas da educação, mas de uma nova postura do indivíduo diante do mundo e da vida a partir de uma compreensão mais adequada do que seja a realidade.

O Paradigma Inovador, também chamado de Paradigma da Complexidade, Sistêmico, Eco-Sistêmico, Emergente ou Holonômico, propõe que o homem seja visualizado como um ser indiviso, numa perspectiva de aliança e encontro, buscando uma ação pedagógica que leve a produção do conhecimento e busque formar um indivíduo sujeito de sua própria história.

Nesta ótica destacamos Moraes (2004, p. 282) referindo-se ao Paradigma Eco-Sistêmico:

É um paradigma que se apóia na ação do aprendiz sobre o mundo, na atuação sobre a sua realidade, no reconhecimento de sua interação com o mundo e no desenvolvimento de diferentes diálogos que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com ou outros, com a natureza e com o sagrado. Diálogos que o faz um ser histórico, datado, contextualizado, portanto, situado no tempo e no espaço, através dos quais ele busca sobreviver e transcender a partir de suas ações e reflexões sobre o mundo e conseqüente transformação de sua realidade.

Nesta visão o indivíduo é considerado como um todo (corpo e mente). O aluno no processo escolar passa de mero coadjuvante a protagonista. Segundo Gadotti (2000, p. 13), na visão holonômica “pretendem restaurar a totalidade do sujeito, valorizando a sua iniciativa, a sua criatividade, valorizando o detalhe, a complementaridade, a convergência, a complexidade”.

De acordo com Behrens e Flach (2008), o paradigma Inovador pode ser entendido através de três abordagens: Holística, Progressista e Ensino com Pesquisa.



As autoras colocam sobre a visão Holística, que esta se direciona ao resgate do ser humano em sua totalidade, considerando o indivíduo em suas inteligências múltiplas. O aluno apresenta-se como um ser complexo, único e competente. O professor instiga, repensa, busca uma prática pedagógica reflexiva, crítica.

A Abordagem Progressista visa a transformação social, busca a formação do homem enquanto cidadão, transformador de sua realidade, temos como representante desta abordagem Paulo Freire. O aluno é um participante da ação educativa, que necessita educar-se permanentemente, é um sujeito da práxis.

Gadotti (2000, p. 103) complementa que “a pedagogia conservadora humilha o aluno; a pedagogia de Paulo Freire deu dignidade ao aluno, colocando o professor ao lado dele com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo [...] ele também é um aprendiz”.

Para Freire (2000, p. 162),

O educador progressista precisa ser convencido como de suas conseqüências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana. A condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes. Nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, dada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista.

Na abordagem Ensino com Pesquisa o desafio é provocar a superação da reprodução do conhecimento para a produção e tem o aluno e o professor como pesquisadores. Para (BEHRENS e FLACH, 2008, p. 126), “o aluno precisa ser instigado a avançar com autonomia, a se expressar com propriedade, a construir espaços próprios, a tomar iniciativas, a participar com responsabilidade, enfim a fazer acontecer e aprender a aprender”.

Salientamos que a Educação no contexto atual é justamente a transição do enfoque individual para o enfoque social.

Numa perspectiva de Educação Social, Mosquera e Stobäus (2002, p. 92) colocam:

[...] que a Educação Social não é uma panacéia mas uma possibilidade de melhorar a vida de milhares de pessoas, na grande maioria, em nosso extraordinário planeta. O ser humano não pode ser considerado como um objeto descartável, mas um ser que tem a potencialidade de conhece-se e transformar-se e, ao realizar esta transformação, pode modificar sua sociedade e prever um mundo melhor as futuras gerações. A Educação Social, além de ser uma realidade, é uma utopia que foi pensada por inúmeros filósofos e pensadores sociais e podem ajudar a dignidade humana penhorada no desperdício.

Desta forma, o modelo educacional deve estar comprometido em levar o indivíduo a si próprio, numa viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. Deve preocupar-se também em levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão.

Entendemos que entre os desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social.

Educar hoje, sem dúvida alguma, está imbricado na escolha paradigmática e conseqüentemente na abordagem que norteará a ação pedagógica do professor. O que almejamos é que esta escolha possibilite um ensino que contemple a aluno como um todo, que entenda a sociedade a qual está inserido e as suas reais necessidades e que permita a formação de seres humanos capazes, críticos e produtores de conhecimento.

Para uma melhor visualização dos Paradigmas e das Abordagens contempladas neste capítulo organizamos o quadro abaixo:

<b>PARADIGMAS</b>	
<b>Conservador</b>	<b>Inovador</b>
Newtoniano Cartesiano	Paradigma da Complexidade, Holonômico, Sistêmico, Eco-Sistêmico ou Emergente
<b>ABORDAGENS</b>	
<b>Conservador</b>	<b>Inovador</b>
Tradicional	Holística
Escolanovista	Progressista
Tecnicista	Ensino com Pesquisa

Quadro 1 – Paradigmas e Abordagens  
Fonte: Adaptado a partir de Behrens e Flach (2008)

## 2.2 CORPO, MOVIMENTO E SOCIEDADE

Desde o nascimento, o homem usa o corpo através de seus movimentos como uma linguagem para se ajudar e comunicar suas necessidades, emoções e sentimentos; é ele que possibilita que o ser humano aprenda sobre o meio social em que vive e sobre si mesmo.

Estudos científicos demonstram que, o movimento, constitui parte fundamental da vida humana e que o homem necessita de um mundo de movimento para se manter orgânica e emocionalmente sadio. Ele é a essência da vida, faz parte da complexa constituição do ser humano.

No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes da criança andar ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de um certo tempo de sono e postura no colo, para Daolio (1994).

De acordo com Nanni (1995), a compreensão e a importância do movimento humano significa ter em conta as estruturas envolvidas em vários aspectos da vida ou seja: o biológico, o psicológico, o cultural e o social. O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana, assim como o corpo não é um dado puramente biológico, mas é fruto da interação natureza- cultura.

Neira (2006, p. 114) traz a importância do movimento humano relacionado com o homem e o meio:

Nossas maneiras de andar, correr, arremessar e saltar tem seus significados construídos em função de diferentes, necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas, presentes nas diferentes culturas, em todas as épocas da história. Assim, ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas.

Silva (1997), historicamente registra três momentos conceituais do corpo, que autor passa a descrever:

No primeiro momento o corpo inspira-se em três perspectivas básicas: distinção entre o corpo e a alma; relação com as divindades e a imortalidade; e pela diferença entre o homem e o animal. Em Platão, o corpo era o vilão da estrutura ontológica do homem, símbolo da decadência e uma fonte de vícios e males.

A modernidade marca o segundo momento, sendo o corpo caracterizado por duas atitudes básicas: libertação das influências teológicas e de vinculação às questões epistemológicas, relacionando-os as possibilidades e a validade do conhecimento humano. Descartes foi quem inaugurou esta virada nas questões corpóreas seguido por Kant, Husserl entre outros.

Nestes dois momentos o corpo restringia-se a um ‘humilde servo no palácio das ciências’, submetido aos modelos teóricos, pois para a ciência e a técnica o corpo só obedecia e marchava. De acordo com Foucault (1987), foi por esta manipulação e dominação na utilização do corpo como ‘objeto’ que se tornou possível a consciência do próprio corpo.

No terceiro momento, observa-se uma reflexão filosófica contemporânea preocupada em aprender a sabedoria do corpo, visualizando-o como um organismo vivo, pois ao dispor do seu corpo, o sujeito é sujeito da sua ação e de sua percepção, manifestada no mundo por sua própria corporeidade.

Portanto, entendemos que este corpo é social e o movimento que se constrói vem das relações do homem com suas condições objetivas de vida, não podendo ser compreendido isolado de sua história. É preciso compreender o movimento no contexto de suas dimensões reais, históricas, sociais, pois o homem não nasceu pulando, correndo, saltando, o movimento tem sua história e precisamos refletir suas constâncias e transformações. Nesse sentido, as instituições educacionais devem favorecer um ambiente físico e social onde a criança se sinta estimulada e segura para arriscar-se a vencer desafios.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o trabalho com o movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como atividades voltadas para a ampliação da cultura corporal da criança.

Rousset (1990 apud LE BOULCH, 2008, p. 129) lembra que, “se queremos formar homens equilibrados, autônomos, com iniciativa, e capazes de refletir e respeitar o próximo, é na infância que se deve iniciar essa formação”.

A escola é uma das estruturas sociais estáveis que pode exercer esse papel no momento em que, por meio de sua ação no mundo exterior, a criança conquista a unidade e a coerência de sua pessoa corporal psíquica e social.

E complementa Le Boulch (2008, p. 129):

O suporte prático da ação no desenvolvimento psicomotor passa exclusivamente pelas atitudes e pelos movimentos do corpo. É pela atividade do corpo, suporte da ação, em integração com a linguagem, que se realizará a harmonização entre o afetivo e o cognitivo, e não pela razão ou magia do verbo.

Fica evidente que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Assim, atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido. As práticas institucionais que envolvem o corpo humano e a Educação Física, sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas nesse contexto, a fim de que não se conceda sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social.

Silva (1997, p. 5), a propósito, coloca:

Chega-se à Educação Física, prática social milenar, portadora de uma forte carga cultural por tratar das manifestações expressivas da cultura corporal, desenvolvidas ao longo da história da humanidade, como explicita o Coletivo de Autores (1992). O conhecimento próprio desta prática pedagógica se faz necessário para o entendimento da realidade atual, porém torna-se imprescindível um tratamento pedagógico em relação a sua prática cotidiana e à eleição e definição de seu objeto de estudo.

## 2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA

### 2.3.1 Revendo o ontem e o hoje da educação física escolar no Brasil

O processo histórico da Educação Física Escolar no Brasil revela uma trajetória de heteronomia subordinada a interesses externos ao estabelecimento escolar e que variam com as mudanças políticas, sociais e educacionais vividas pelo país.

Em 1851 com a reforma Couto Ferraz, ocorre a inserção da Educação Física na escola, a qual incluiu a ginástica nos currículos das escolas públicas do ensino primário, onde surge oficialmente a figura do professor de ginástica.

De acordo com Darido (2003), em 1854, a ginástica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário e a dança no secundário. Com Rui Barbosa, em 1882, houve uma recomendação para que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos e que fosse oferecida para as Escolas Normais, em parte no Rio de Janeiro e nas Escolas Militares. Assim, somente em 1920 vários Estados começam a realizar suas reformas educacionais e incluem a Educação Física, com o nome de ginástica.

Sabemos que desde a constituição da Educação Física na instituição escolar no século XIX, o paradigma predominante era o da aptidão física e esportiva, norteado por uma visão mecanicista de sociedade.

A abordagem direcionada à Educação Física nesse momento é fortemente influenciada pela instituição militar e médica com a prática de exercícios sistematizados que foram ressignificados pelo conhecimento médico. O corpo nesse momento era alvo de estudos direcionados fundamentalmente das ciências biológicas.

Corroborando com esta assertiva, Bracht (1999, p. 73) assim se posiciona:

Corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica – a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e ao seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado, o que é igual analisado pela racionalidade científica. A ciência é controle da natureza e, portanto da nossa natureza corporal. A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Melhorar o funcionamento dessa máquina depende do conhecimento que se tem de seu funcionamento e das técnicas corporais que construo com base nesse conhecimento.

Convém salientar que, desde a inclusão da Educação Física no Brasil, ela sofreu influências das diferentes tendências ao longo da história educacional.

Em termos de tendências relacionadas à Educação Física Giraldelli Junior (1988) e Darido (2003) situam-nas assim:

- Educação Física Higienista (até 1930) - voltada para os hábitos de higiene e saúde. A prática da Educação Física é vista como necessária para a saúde, assepsia social e saneamento público, na busca de uma sociedade livre de doenças, através da disciplina escolar.

- Educação Física Militarista (1930- 1945) - visava à formação do cidadão-soldado, capaz de obedecer cegamente ao chamado da pátria. Nesta época a Educação Física tinha o papel de formar indivíduos obedientes e adestrados. O objetivo maior era o ‘aperfeiçoamento da raça’ ou forjar ‘máquinas humanas’ através dos desportos. Nesta época foram criados os grandes centros de cultura física, ginástica olímpica, treinamentos especiais de artes marciais para o adestramento do homem para as batalhas. Ambas as tendências consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática.

- Educação Física Pedagogicista (1945-1964) - uma nova fase da Educação Física que busca integrar uma disciplina educativa por excelência através da escola. A ginástica, a dança e o desporto são meios da educação do alunado com a finalidade de ensinar regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas nacionais.

- Educação Física Competitivista (pós- 1964) - os procedimentos empregados nesta tendência são extremamente diretivos, a prática uma repetição mecânica dos movimentos. Nesta época a Educação Física é colocada como apêndice de um projeto que privilegia o treinamento desportivo para o Esporte de alto nível.

- Educação Física Popular (após a abertura democrática) - nesta tendência iniciaram as preocupações com as reivindicações dos partidos populares e dentre estas a Educação Física em função da ludicidade, da solidariedade e a organização e mobilização dos trabalhadores na tarefa de construção de uma sociedade efetivamente democrática.

- Educação Física com Tendência Social (atualidade) - busca de uma socialização da Educação Física. Preocupação com uma Educação Física voltada para a diversidade e inclusão; baseada no estudo das Teorias.

Todas essas tendências, agindo de forma mesclada sobre a escola, criaram uma situação que só veio dificultar a prática docente, pois:

Imbuído do ideário escolanovista (tendência humanista moderna), ele é obrigado a trabalhar em condições tradicionais (tendência humanista tradicional), ao mesmo tempo (tendência tecnicista) e, de outro, a pressão das análises sócio- estruturais da educação (tendência crítico- reprodutivista) (SAVIANI apud GADOTTI, 1994, p. 10).

No final da década de 70 e início da década de 80, surgem novas abordagens na Educação Física Escolar, (as quais veremos a seguir) e que segundo Darido (2003, p. 3), “todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, fruto de uma etapa recente da Educação Física”.

Somente em 1980, inicia-se um processo intenso de reflexão sobre a área, a entrada das ciências sociais e humanas na área da Educação Física, permitiu uma análise crítica ao paradigma da aptidão física e esportiva.

De acordo com Bracht (1999), o eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da Educação, e da Educação Física em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças de classe.

A Educação Física absorveu a discussão no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para a transformação radical da sociedade capitalista, surgindo uma corrente denominada crítica e/ou progressista.

O retorno dos primeiros docentes dos cursos de graduação, titulados nos programas de pós-graduação no exterior e a abertura de programas de mestrado no Brasil, contribuíram para esse movimento.

No histórico das instituições educativas, constatamos que a escola abriu pouco espaço para a Educação Física, em que ela se restringia aos conceitos de corpo e movimento, fundamentos de seu trabalho aos seus aspectos fisiológicos e técnicos.



Bracht (1999, p. 24) parece ir mais longe:

[...] quando a escola abriu as portas para a Educação Física, foram as portas do fundo, cedendo espaços sobrados e os horários rejeitados pelas outras disciplinas. Raras são as exceções em contrário. Além disso, como a corporeidade e o seu cultivo não foram objetivo de grandes preocupações pedagógicas, a educação física surge, às vezes imposta por outros caminhos, como não fazendo parte da área da educação, isto, é, do centro da Educação.

E ainda de acordo com o autor, a Educação Física só vai deixar de ser vista sob esta ótica, quando a mesma for alvo de educação, ou seja, “educação corporal é educação do comportamento e comportamento não é corporal e sim humano. Educar o comportamento é educar o comportamento humano”, coloca Bracht (1999, p. 72).

Observamos com o passar do tempo, que a Educação Física Escolar sofreu uma significativa mudança no seu *status* em relação a sua inserção e seu fazer pedagógico na escola, quando ela transitou da condição de mera atividade extraclasse a componente curricular obrigatório, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, promulgada em 1996:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO); VI – que tenha prole. (BRASIL, 1996, ARTIGO 26, PARÁGRAFO 3º).

Ao analisar a Educação Física na perspectiva da LDB nº 9.394/96, percebemos que, finalmente pelos textos legais, essa área de conhecimento libertou-se da visão biológica. Dessa forma, “retira-se, com essa redação, a camisa-de-força que a aprisionava nos limites próprios ao famigerado eixo paradigmático da aptidão física, à medida que a vinculava tão somente à busca do desenvolvimento físico do aluno”. Conforme Castellani Filho (apud NEIRA, 2007, p. 41).

Ao final da década de 1990, no rastro das teorias críticas, o Ministério da Educação apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental de todo o país, com propostas curriculares para todas as áreas do conhecimento.

Em relação ao componente Educação Física:

A Educação Física Escolar pode sistematizar situações de ensino e aprendizagens que garantam aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais. Para isso é necessário mudar a ênfase na aptidão física e no rendimento padronizado que caracterizava a Educação Física, para uma concepção mais abrangente, que contemple todas as dimensões envolvidas na prática corporal. (BRASIL, 1997, p. 27).

E complementa Neira (2007, p. 43):

De atividade complementar fora do período e com objetivos pedagógicos que se afastavam das demais áreas, passou, lentamente, a uma nova condição: componente curricular obrigatório cujos objetivos, conteúdos e avaliação passaram a fazer parte do debate educacional mais amplo, ou seja, novas preocupações em relação à ação educativa de educação física surgiram, o que possibilitou aos professores, por exemplo maior participação coletiva na escola e uma crescente integração ao movimento pedagógico proposto pela escola.

É importante ressaltar que a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, a inserção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como o novo contexto político e educacional influenciaram enormemente a Educação Física e seu papel na escola.

A partir deste momento, foi se delineando um novo cenário na Educação Física Escolar, com o surgimento de autores comprometidos com a mudança paradigmática alicerçada em novas abordagens pedagógicas em Educação Física.

Neste sentido Bracht (1999, p.78), afirma:

O quadro das propostas pedagógicas em Educação Física apresenta-se hoje bastante mais diversificado. Embora a prática pedagógica ainda resista a mudanças, ou seja, a prática acontece ainda balizada pelo paradigma da aptidão física e esportiva, várias propostas pedagógicas foram gestadas nas últimas duas décadas e se colocam hoje como alternativas.

Para uma melhor visualização das Tendências da Educação Física, organizamos o quadro a seguir.

<b>TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	<b>MOMENTO HISTÓRICO</b>
Educação Física Higienista	Até 1930
Educação Física Militarista	1930-1945
Educação Física Pedagógicista	1945-1964
Educação Física Competitivista	Pós- 1964
Educação Física Popular	Após abertura democrática
Educação Física Social	Atualidade

Quadro 2 – Tendências da Educação Física  
Fonte: A Autora (2009)

### **2.3.2 As abordagens pedagógicas da educação física**

As Abordagens Pedagógicas da Educação Física podem ser definidas como movimentos engajados na renovação teórico-prático com o objetivo de estruturação do campo de conhecimentos, que são específicos da Educação Física. Entendemos que a abordagem pedagógica é determinante no processo educativo, pois, de acordo com a abordagem que elegemos, ela guiará a ação pedagógica docente.

Destacamos neste sub-capítulo a partir do estudo de Azevedo e Shigunov (2000) e dos teóricos Castellani Filho (1999), Souza Junior (1999) e Darido (2003), as abordagens que segundo estes autores são as abordagens de maior expressão no cenário nacional e também como referencial para o estudo.

As abordagens são classificadas no que concerne a metodologia do ensino em: Preditivas – as quais concebem uma nova concepção de Educação Física, definem princípios norteadores de uma nova proposta. E as Não-Preditivas, que abordam a Educação Física, sem estabelecer parâmetros, princípios norteadores ou metodologias para o ensino.

No que tange a Metodologia do Ensino entendemos a explicitação de uma dinâmica curricular que contemple a relação do tratamento a ser dispensado ao conhecimento (desde sua seleção até sua organização e sistematização no sistema escolar, associados à questão de

tempo e espaço pedagógicos) com o projeto de escolarização inerente ao projeto político pedagógico da escola, tudo isso sintonizado com uma determinada configuração da normatização desse projeto de escolarização na expressão de uma determinada forma de gestão educacional, diz Castellani Filho (1999).

### 2.3.2.1 Abordagens pedagógicas preditivas da educação física

#### 1- A Abordagem da Concepção de Aulas Abertas

Esta abordagem está fundamentada no movimento das crianças, na história de vida e na construção da biografia esportiva dos estudantes de Educação Física, na concepção do esporte e movimento que a sociedade vem construindo ao longo da história e na realidade da Educação Física Escolar. Tem como objetivo trabalhar o mundo do movimento em sua amplitude complexidade com a intenção de proporcionar, aos alunos, autonomia para as capacidades de ação. O ponto forte desta concepção de aula está na compreensão dos professores e alunos sobre o sentido que ela tem e ao mesmo tempo, sobre os objetivos, conteúdos e métodos.

Hildebrandt e Laging (1986, p. 15) apontam:

As concepções de ensino, são abertas, quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor.

#### 2- A Abordagem Construtivista

A intenção, nesta abordagem, é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, respeitando o universo cultural do aluno, explorando as diversas possibilidades educativas de atividades lúdicas espontâneas, propondo tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras com vistas à construção do conhecimento. Além de valorizar as experiências, a cultura dos alunos, a proposta construtivista tem o mérito de propor alternativas aos métodos diretivos, alicerçados na prática da Educação Física.

Esta abordagem é apresentada como uma opção metodológica, em oposição a proposta mecanicista, caracterizada pela busca do desempenho máximo, de padrões de comportamento sem considerar as diferenças individuais, sem levar em conta as experiências vividas pelo aluno.

Freire (1989), levantou a questão da importância da Educação Física na escola considerando o conhecimento que a criança já possui, independente da situação formal de ensino, porque a criança, como ninguém, é uma especialista em brincar. Deve-se, deste modo, resgatar a cultura dos jogos e brincadeiras dos alunos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, incluídas as brincadeiras de rua, os jogos com regras, as rodas cantadas e outras atividades que compõem o universo cultural dos alunos.

### 3- A Abordagem Crítico-superadora

Também em oposição ao modelo mecanicista, esta abordagem é embasada no discurso da justiça social no contexto da sua prática. Busca levantar questões de poder, interesse e contestação, faz uma leitura dos dados da realidade à luz da crítica social dos conteúdos. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), ela é uma reflexão pedagógica e compreendida como sendo um projeto político-pedagógico, pois encaminha propostas de intervenção e possibilita reflexões sobre a realidade dos homens.

A Educação Física é entendida como uma disciplina que trata do jogo, da ginástica, do esporte, da capoeira, da dança como sendo conhecimentos da cultura corporal de movimento. Busca entender com profundidade o ensinar, onde não significa apenas transferir ou repetir conhecimentos, mas criar as possibilidades de sua produção crítica, sobre a assimilação destes conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico.

### 4- A Abordagem Atividade Física como promotora de educação para a Saúde

Busca a conscientização sobre tudo da população escolar para as pesquisas que mostram os benefícios da atividade física. Considera importante a adoção pedagógica dos professores de assumirem um novo papel frente a estrutura educacional, procurando adotar em suas aulas, não mais uma visão de exclusividade à prática desportiva, mas, fundamentalmente, alcançarem metas em termos de promoção da saúde, através da seleção,

organização e desenvolvimento de experiências que possam propiciar aos educandos, não apenas situações que os tornem crianças e jovens mais ativos fisicamente, mas, sobretudo, que os conduzam a optarem por um estilo de vida ativo também quando adultos, para Guedes e Guedes (1996).

Considera de fundamental importância a promoção da prática prazerosa de atividades que conduzam ao aperfeiçoamento das áreas funcionais: resistência orgânica ou cardiovascular; flexibilidade; resistência muscular e a composição corporal como fatores coadjuvantes na busca de uma melhor qualidade de vida por meio da saúde.

Enfatiza que a conquista por melhores momentos de satisfação pessoal e coletiva esteja na busca da Qualidade de Vida da população e também na adaptação às condições vividas, como fatores colaboradores para estes fins a saúde, o lazer, os hábitos do cotidiano, o estilo de vida, hábitos alimentares. Nahas (1998, p. 2) afirma que:

[...] no contexto das sociedades industrializadas e em desenvolvimento, o estilo de vida e, em particular, a atividade física, tem, cada vez mais, representado um fator de qualidade de vida tanto quanto relacionada à saúde das pessoas de todas as idades e condições socio-econômicas, estando associada a maior capacidade de trabalho físico e mental, mais entusiasmo para a vida e sensação de bem estar, menores gastos com a saúde, menores riscos de doenças crônicas degenerativas e mortalidades precoces.

## 5- A Abordagem Desenvolvimentista

Apresenta como meio e fim principal da Educação Física o movimento, orienta-se especialmente a crianças de quatro a quatorze anos, e busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação para a Escolar Física Escolar. É uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora, busca em função destas características sugerir elementos para a estruturação da Educação Física Escolar. Procura privilegiar a aprendizagem do movimento embora possa estar ocorrendo outras aprendizagens decorrentes da prática das habilidades motoras.

Preconiza para a Educação Física, que seja proporcionado ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação do aumento da diversidade e

da complexidade de movimentos, oferecendo experiências de movimento adequadas ao seu estágio de crescimento e desenvolvimento para que as habilidades motoras sejam alcançadas.

#### 6- A Abordagem Cultura ou Educação Física Plural

Esta abordagem segundo Daólio (1993) surge em crítica à perspectiva biológica que predomina na escola. Encara o movimento humano enquanto técnica corporal construída culturalmente e definida pelas características de determinado grupo social, considera todo gesto sendo uma técnica corporal por ser uma técnica cultural.

Trabalha para que as diferenças entre os alunos sejam percebidas, seus movimentos, expressões frutos de sua história de corpo, valorizando-os independente do modelo considerado 'certo' ou 'errado'. Valendo até mesmo para o processo ensino-aprendizagem de certas modalidades esportivas. A eficiência técnica, sempre foi requisito para a Educação Física em relação aos seus alunos com ênfase principalmente no rendimento esportivo, desconsiderando as maneiras como os alunos lidam, culturalmente, as formas de ginástica, lutas, danças esportes enfim todas as manifestações da cultura corporal. Considera que os alunos são diferentes e que numa aula, para alcançarmos todos os alunos, deve-se levar em conta estas diferenças. A pluralidade das ações é aceitar que o que torna os alunos iguais é justamente a capacidade deles se expressarem diferentemente.

#### 2.3.2.2 Abordagens pedagógicas não- preditivas da educação física

##### 1- A Abordagem Crítico- Emancipatória

Busca uma ampla reflexão sobre a possibilidade de ensinar os esportes pela sua transformação didático-pedagógica e de tornar o ensino escolar em uma educação de crianças e jovens para a competência crítica e emancipada. Conforme relata seu idealizador Kunz (1996, p. 144), “uma Educação mais emancipadora, voltada para a formação da cidadania do jovem do que de mera instrumentalização técnica para o trabalho”.

Destaca ainda que é necessário orientar o ensino num processo de desconstrução de imagens negativas que o aluno interioriza na sua prática de esportes autoritários e domesticadores. Sua orientação de concepção educacional é denominada de Crítico-emancipatória, onde a emancipação pode ser entendida como um processo contínuo de libertação do aluno das condições limitantes de suas capacidades racionais críticas e até mesmo o seu agir no contexto sociocultural e esportivo. O conceito crítico pode ser entendido como a capacidade de questionar e analisar as condições e a complexidade de diferentes realidades de forma fundamentada, permitindo uma constante auto-avaliação do envolvimento objetivo e subjetivo no plano individual e situacional.

## 2- A Abordagem Humanista

Fundamenta-se nos princípios filosóficos em torno do ser humano: identidade e valor, um crescimento voltado de dentro para fora. Situada nos objetivos do plano geral da educação integral onde o conteúdo passa a ser um instrumento coadjuvante nas relações interpessoais e facilitador do desenvolvimento da natureza da criança.

Diz Oliveira (1985, p. 58) que “apropria-se do jogo, do esporte, da dança, da ginástica como meios para cumprir os objetivos educacionais, não os considera como um fim em si mesmo”.

Na concepção humanista, o professor integra-se efetivamente ao ambiente escolar em que atua, de modo a se constituir em um agente educador, é um orientador da aprendizagem, cabendo-lhe a promoção do crescimento pessoal dos alunos. Busca contribuir na ampliação da consciência social e crítica dos alunos tendo em vista sua participação ativa na prática social.

## 3- A Abordagem Psicomotricista

Nesta abordagem o envolvimento da Educação Física é com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, ou seja, “busca garantir a formação integral do aluno”, para Soares (1996 apud DARIDO, 2003, p. 13).



Utiliza-se da atividade lúdica como impulsionadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Trata das aprendizagens significativas, espontâneas e exploratórias da criança e de suas relações interpessoais. Focaliza-se na criança pré-escolar, destacando sua pré-história como fator de adoção de estratégias pedagógicas e de planejamento. Busca analisar e interpretar o jogo infantil e seus significados.

Le Boulch (2008, p. 159) contribui:

Por meio do jogo se consolidará a atividade intencional da criança, contrariamente à passividade provocada pelos aprendizados condicionados. Ela traduzir-se á pela atividade de investigação e de exploração, pelo confronto com o objeto e a interação com as outras crianças.

#### 4- A Abordagem Sistêmica

Sua essência reside no entendimento de que é um sistema aberto onde sofre e interage influenciando a sociedade. Procura na definição de vivência corporal o movimento de introduzir o aluno nos conteúdos oferecidos na escola, oportunizando a experiência da cultura de movimentos. Alicerça-se nos princípios da não exclusão e da diversidade de atividades, propondo à Educação Física a valorização de uma maior diversidade de vivências esportivas, atividades rítmicas e de expressão.

Na abordagem, existe a preocupação de garantir a especificidade, na medida em que considera o binômio corpo/movimento como meio e fim da Educação Física Escolar. O alcance da especificidade ocorre através da finalidade da Educação Física no contexto escolar que, conforme Betti (1992, p. 287), deve “integrar e introduzir o aluno de 1º e 2º graus no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física ( o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...)”.

#### 5- A Abordagem Tecnicista

Abordagem Tecnicista integra a concepção militarista e chega ao Brasil como um método desportivo generalizado, havendo uma valorização excessiva do desempenho. Propôs o desempenho esportivo nas escolas, com o professor atuando em uma linha totalmente centralizadora, com isso era pouco flexível, gerando assim uma repetição mecânica dos

movimentos esportivos, ou seja, o aluno não tinha a liberdade de criar outros movimentos ou de seguir outro padrão de treinamento. Numa lógica pautada em que ‘o fim justificando os meios’, com isso o atleta era fruto do seu desempenho no treinamento.

Essa abordagem é muito criticada pelo fato de não apresentar propostas inclusivas, sendo direcionada apenas a uma pequena parcela da população, no caso só as pessoas saudáveis, jovens, habilidosos, com procedimentos pedagógicos diretivos, usado com forma seletiva em busca de um modelo padrão. Essa exclusão não acontecia só com os portadores de necessidades especiais, mas também com as pessoas que não se encaixavam no padrão pré-estabelecido pela mesma.

Desta análise, percebemos que a evolução das diversas abordagens pedagógicas que compõem o cenário educacional, ocorre em detrimento às necessidades, de acordo com os novos avanços tecnológicos, científicos e filosóficos, considerando sempre a relação homem-sociedade, desta forma visa suprir as necessidades da época, tendo em vista um objetivo superador, criando-se assim diferentes paradigmas.

Darido (2003, p. 23) coloca que:

Na verdade, a introdução destas abordagens no espaço da Educação Física Escolar proporcionou uma ampliação da visão da área, tanto no que diz respeito à sua natureza, quanto no que refere aos seus pressupostos pedagógicos de ensino aprendizagem. Reavaliaram-se e enfatizaram –se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas, afetivas e políticas, concebendo o aluno como ser humano integral.

Atentamos para a Educação Física como experiência corporal podendo auxiliar no processo de humanização, possibilitando ao aluno que ele encontre os seus próprios significados de movimento e buscando a reconquista da capacidade expressiva e comunicativa do corpo, desta forma o aluno passa a ser protagonista de sua aprendizagem construindo o significado daquilo que vivencia.

A Educação Física, ocorrendo em um contexto de interação social pode propiciar ao aluno, através da reflexão sobre os regulamentos, na formação de uma consciência crítica, que é a base de toda a ação concreta transformadora da realidade social. Convém salientar, que na busca desta perspectiva de Educação Física Escolar segundo o II Fórum de Educação Física Escolar do Mercosul, é necessário ações claras e objetivas para construir novos significados.

Corroborando com esta idéia, o Coordenador do Fórum Borges (2008, p. 13) destaca que: “a Educação Física Escolar precisa exercer e ocupar os seus papéis pedagógicos, formativos, educacionais, desportivos, preventivos da saúde e de promoção da saúde e do bem estar”. Entendemos que a Educação Física vive momento de grande transição, onde deixa de ser meramente reprodutora para ser transformadora.

Desta forma, as alterações advindas no status da Educação Física foram muito bem aceitas pelos educadores mais envolvidos com o movimento de transformação da prática pedagógica do componente, pois, para muitos deles, incomodava o fato de a Educação Física não se aproximar das discussões mais amplas da educação, tampouco do enfrentamento, reflexão e encaminhamento dos problemas que a acometia.

Nesse sentido, a Educação Física apresenta-se como um leque de possibilidades para que o aluno vivencie movimentos, adquira habilidades, desenvolva aprendizagens, bem como seja agente transformador no processo de ensino, para melhor aprendizagem.

<b>ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA</b>		
Aulas Abertas	Preditiva	Progressista
Construtivista	Preditiva	Progressista
Crítico-Superadora	Preditiva	Progressista
Atividade Física para Promoção da Saúde	Preditiva	Progressista
Desenvolvimentista	Preditiva	Progressista
Plural	Preditiva	Progressista
Crítico-emancipatória	Não- Preditiva	Progressista
Humanista	Não- Preditiva	Progressista
Psicomotricista	Não- Preditiva	Progressista
Sistêmica	Não- Preditiva	Progressista
Tecnicista	Não- Preditiva	Tradicional

Quadro 3 – Abordagens Pedagógicas da Educação Física

Fonte: Adaptado a partir de Castellani Filho (1999), Souza Junior (1999) e Darido (2003)

### **2.3.3 Estado de conhecimento da educação física**

#### **2.3.3.1 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE**

Acreditamos que fez-se necessária uma análise do pensamento corrente acerca do momento atual na área, em especial a Educação Física Escolar, para que possamos apontar dimensões da temática que possam corroborar com a construção deste novo olhar, aqui desde a visão do docente.

Assim, a Construção do Estado de Conhecimento da Educação Física teve seu aporte no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); órgãos estes de excelência na produção do conhecimento.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), criado em 1978 é uma entidade científica que congrega pesquisadores ligados à área de Educação Física e Ciências do Esporte, vinculado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e está presente nas principais discussões relacionadas à área do conhecimento. Tem como evento científico nacional o Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (CONBRACE) realizado a cada dois anos. Na sua organização, além das secretarias, estão Grupos de Trabalhos Temáticos, em 12 GTTs sendo o GTTs 5 – Escola.

Com base na leitura do Livro Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física, que faz uma análise reflexiva e crítica da política científica no campo da Educação Física/Ciências do Esporte, por meio da produção científica, institucional e política realizada e sistematizada no CBCE ao longo dos seus 29 anos.

A escolha pelo GTT 5 – Escola foi pelo interesse deste estudo estar diretamente relacionado com a questão da Educação Física no contexto escolar, desta forma foram mapeados 125 trabalhos apresentados no CONBRACE no período de 1997 a 2005 referentes a esta temática.

Constatou-se treze categorias da análise dos estudos: Metodologia/Estratégias de Ensino/Experiências; Programas/Propostas/Diretrizes para a Educação Física Escolar; Conteúdo; Educação do Corpo/Moral; Produção Teórica/Campo Acadêmico; Representações Sociais/Imaginário Social da Educação Física e Esportes; Infância e Educação Física Escolar; Ordenamento Legal/Regulamentos/Normativas; Processo de Escolarização/Tempo-Espaço na

Escola; Conhecimento/Saber Docente; Gênero e Educação Física Escolar; Formação de Professores e Relação Professor – Aluno.

A produção acadêmica no interior do GTT 5 – Escola mostrou que a produção da Educação Física na Escola, concentrou significativa maioria, 67 dos 125 trabalhos nas categorias: Metodologia/Estratégias de Ensino/Experiências; Programas/ Propostas/ Diretrizes Curriculares para a Educação Física; e Conteúdo. Destacou-se também a distribuição equilibrada desses trabalhos nas diferentes edições do CONBRACE, no decorrer desses 10 anos.

O conjunto dos trabalhos ajuda a perceber que, no âmbito da produção acadêmica, existe um movimento que procura garantir o reconhecimento da Educação Física como componente curricular na escola.

Os trabalhos restantes estão distribuídos em dez categorias que também retratam a complexidade do cotidiano escolar, bem como refletem as mudanças, as reorientações e as contradições das políticas públicas para a Educação nos diferentes Sistemas de Ensino-Federal, Estadual e Municipal.

Foi comum nos trabalhos a crítica ao Modelo Tradicional de Educação e Educação Física determinado pela perspectiva Técnico- Instrumental do ensino da Educação Física na Escola e nos Cursos de Formação Inicial e Continuada de professores.

A análise revela a necessidade de superação dessa perspectiva de ensino e aponta por meio das diversas sistematizações de experiências, do diagnóstico das práticas pedagógicas e das reflexões teóricas a possibilidade de se orientar por aqueles modelos pertencentes às Teorias Críticas de Educação e Educação Física.

O caminho trilhado nas análises mostra alguns percalços, na produção, que merecem cuidadosa apreciação e crítica reflexão pela comunidade, pois revelam algumas das fragilidades da área. Entretanto, tais problemáticas podem ajudar a reorientar as ações do GTT 5 – Escola e da instituição científica nos diversos compromissos assumidos frente às demandas de políticas públicas e científicas da área.

Salientamos que não tivemos acesso à produção científica do XV CONBRACE de 2007, em Recife/PE e da XVI edição, em 2009, que foi realizada em Salvador/BA, como consta nos Quadros 4 e 5.

<b>GTT/ANO</b>	<b>1997</b>	<b>1999</b>	<b>2001</b>	<b>2003</b>	<b>2005</b>	<b>TOTAL</b>
ESCOLA	40	20	23	20	22	125

Quadro 4 - Produção do GTT 5 – Escola no período de 1997 a 2005  
Fonte: Carvalho e Linhares (2007)

<b>CATEGORIAS/ANO</b>	<b>1997</b>	<b>1999</b>	<b>2001</b>	<b>2003</b>	<b>2005</b>	<b>10 Anos</b>
1- Metodologia/Estratégias de Ensino/Experiências	8	3	2	7	5	25
2- Programas/Propostas/Diretrizes Curriculares para a Educação Física	7	4	3	3	6	23
3- Conteúdo	4	7	5	1	2	19
4- Educação do Corpo/Moral	7	2	-	-	-	9
5- Produção Teórica/Campo	4	-	1	3	1	9
6- Representações Sociais/Imaginário Social da Educação Física e Esportes	2	2	1	1	1	7
7- Infância e Educação Física Infantil	5	-	1	1	-	7
8- Ordenamento Legal/Regulamentos/ Normativas	-	-	3	2	2	7
9- Processo de Escolarização/ Tempo Espaço na Escola	2	-	1	2	-	5
10- Conhecimento/Saber Docente	-	1	-	-	2	3
11- Gênero e Educação Física Escolar	-	1	1	-	1	3
12- Formação de Professores	-	-	2	-	-	2
13- Relação Professor- Aluno	-	-	2	-	-	2
14- Outras*	1	-	1	-	2	4
Total	40	20	23	20	22	125

Quadro 5 - Categorias encontradas nos Anais dos Conbraces de 1997 a 2005 – GTT 5 – Escola  
Fonte: Carvalho e Linhares (2007)

\* Essa categoria congregou os trabalhos que não dizem respeito à Educação Física Escolar, trabalhos que não ficaram claros os propósitos dos autores e outros, que não apresentam clareza na redação, na argumentação discursiva, e que são ambíguos na relação objetivo- problema- referencial teórico e aspectos conclusivos.

### 2.3.3.2 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED

A Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) fundada em 1976 devido ao esforço de alguns Programas de Pós-Graduação da Área da Educação, tem

como finalidade a busca do desenvolvimento e da consolidação do ensino de pós-graduação e da pesquisa na área da Educação no Brasil. Ao longo dos anos, tem se projetado no país e fora dele, como um importante fórum de debates das questões científicas e políticas da área, tendo se tornado referência para acompanhamento da produção brasileira no campo educacional.

As atividades da Associação estruturam-se em dois campos: o Fórum de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação, sócios institucionais da ANPEd; e os Grupos de Trabalho - GTs temáticos, os quais congregam pesquisadores de áreas de conhecimento especializado da educação.

Os estudos relacionados à temática Educação Física Escolar, que nos detemos foram apresentados nas Reuniões Anuais da ANPEd no período de 2007 a 2008, respectivamente na 30ª e 31ª, totalizando cinco trabalhos. Os estudos foram encontrados nos diferentes Grupos de Trabalhos (GTs): GT 04 – Didática, GT 06 – Educação Popular, GT 12- Currículo e GT 15 – Educação Especial, uma vez que, na ANPEd não existe um GT específico da Educação Física.

As categorias de análise elaboradas a partir dos resultados obtidos foram: Identidade da Educação Física, Inclusão, Paradigmas Educacionais e Práticas Pedagógicas.

Sabemos que esses temas permeiam a atual discussão sobre a realidade educacional. É neste contexto que as demandas por atentos olhares docentes também se apresentam, solicitando condutas humanizadoras que atendam os mais carentes, aos ‘infra-dotados’ ou excluídos por qualquer outro motivo que os retire do dito padrão normal.

A Educação Física, também vem sofrendo modificações nas suas propostas educacionais, que acabam influenciando o papel e as práticas pedagógicas dos professores.

Nesse sentido enfatiza-se a questão da cultura corporal de movimento e em relação à esta temática Bracht (1999 apud GARIGLIO, 2007) salienta a Educação Física como prática pedagógica que seleciona e tematiza determinados elementos da produção sociocultural da nossa sociedade, ou seja, seus conteúdos de ensino são as atividades expressivas corporais, como os jogos, os esportes, as danças, a ginástica, as lutas, formas estas que configuram a própria cultura corporal de movimento.

Referindo-se a questão da inclusão em ambientes escolares, evidenciou-se a complexidade acerca do tema, pois depende de uma disponibilidade interna dos sistemas educacionais e dos professores para enfrentar as inovações. Um dos trabalhos direciona o foco para a Formação Continuada, uma vez que, em boa parte das discussões e textos elaborados sobre inclusão escolar, a formação dos professores é evocada. Sabemos que a preparação profissional não se encerra ao final de um curso de graduação, ela deve ser contínua.

Assim, Cruz (1999, p. 5) coloca:

A efetiva e ativa participação de professores do componente curricular Educação Física em programas de formação continuada possibilita o adensamento de aspectos atitudinais, conceituais e procedimentais presentes na competência profissional almejada, sugerindo pertinência na constituição de um espaço propício à sistematização de ações/reflexões de professores que atuam em ambientes escolares inclusivos.

O autor acrescenta ainda que pensar a Educação Física na escola, dando conta de atender simultaneamente alunos com e sem necessidades especiais, supõe, sobretudo, a sintonia com o projeto pedagógico da escola e com debates educacionais de fundo.

Corroboram ainda Stobäus e Mosquera (2004) sobre a questão da inclusão relacionada com a formação continuada, que deve ser contínua e atualizada, levar em conta novas concepções paradigmáticas e linhas de investigação sobre Educação Especial e Ensino Inclusivo, contextualizando-a com o respectivo aprofundamento em estudos sobre multidiversidade, especialmente no que diz respeito às diferenças e à necessária aproximação com profissionais de outras áreas.

Destacam-se ainda, na 30ª Reunião, trabalhos pautados na idéia do professor como sujeito aprendente e ativo na consolidação de sua própria aprendizagem, e pelo entendimento do ensino como uma prática reflexiva não espontaneísta e automática, redimensionando o caráter técnico de desempenho e prevalecendo o caráter lúdico nas aulas de Educação Física.

No que tange à temática Paradigmas Educacionais, encontramos nos Grupos de Trabalhos Didática e Currículo da 30ª e 31ª Reuniões, artigos que ressaltam a importância dos modelos educacionais presentes na instituições escolares, prevalecendo ainda o tradicional/autoritarismo.



Neste contexto, o papel do educando restringe-se à obediência, sendo pouco atuante, refletindo o modelo de sociedade no qual está inserido. Moraes (2004, p. 150) localiza esta realidade, afirmando que,:

Neste tipo de sociedade, fundamentada no modelo epistemológico da ciência clássica, os indivíduos estão separados uns dos outros e refletem a estrutura do sistema; pouco interage. Sabemos que um paradigma onde prevalece a objetividade, antes de tudo, existe um estado de separação, de distanciamento e corte entre sujeito e objeto, e os demais sujeitos. É uma sociologia mecanicista, compartimentada, reducionista e desencantada em sua compreensão do mundo social.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Educação Física, coexistem na área várias concepções, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo anterior, fruto de uma etapa recente da Educação Física. Essas abordagens resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas.

Todas as correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área. Embora contenham enfoques diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, apresentam em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano.

<b>GT\ ANO</b>	<b>2007 (30<sup>a</sup>)</b>	<b>2008 (31<sup>a</sup>)</b>	<b>TOTAL</b>
DIDÁTICA			2
CURRÍCULO			1
ED. POPULAR			1
ED. ESPECIAL			1
<b>TOTAL</b>	3	2	5

Quadro 6: Produção dos GTs 04, 06, 08, 12 no Período de 2007 – 2008  
Fonte: A Autora (2009)

<b>CATEGORIAS/ANO – REUNIÃO ANUAL</b>	<b>2007 (30<sup>a</sup>)</b>	<b>2008 (31<sup>a</sup>)</b>	<b>TOTAL</b>
1. IDENTIDADE DA ED. FÍSICA	1		1
2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS		1	1
3. INCLUSÃO	1		2
4. PARADIGMAS EDUCACIONAIS	1	1	1
<b>TOTAL</b>			5

Quadro 7: Categorização dos GTs 04, 06, 08, 12, no Período de 2007 – 2008  
Fonte: A Autora (2009)

### 2.3.3.3 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), criada em 1951 desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. A CAPES tem sido decisiva para os êxitos alcançados pelo sistema nacional de pós-graduação, tanto no que diz respeito à consolidação do quadro atual, como na construção das mudanças que o avanço do conhecimento e as demandas da sociedade exigem.

Concluindo este capítulo, sobre o Estado de Conhecimento da Educação Física, analisamos os resumos de 105 dissertações que abordam a Educação Física Escolar nas diversas linhas de pesquisas publicadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no período de 2007 a 2008.

Os estudos selecionados totalizaram 55 em 2007 e 50 em 2008, sendo que apenas um trabalho não congregou nenhuma das categorias, devido não ter ficado claro seu propósito.

Durante as leituras emergiram nove categorias, algumas delas abertas em subcategorias, possibilitando a estruturação que segue:

#### 1. CURRÍCULO

##### 1.1 Estrutura Organizacional

##### 1.2 Conteúdos

##### 1.2.1 Atividades Rítmicas

##### 1.2.2 Corporeidade

##### 1.2.3 Jogos

##### 1.3 Propostas Educacionais

##### 1.4 Indisciplina

##### 1.5 Bem- Estar

##### 1.6 Motivação

#### 2. FORMAÇÃO

##### 2.1 Formação de Professores

##### 2.2 Formação Continuada

### 3. GÊNERO

### 4. IDENTIDADE

#### 4.1 Docente

#### 4.2 Educação Física

### 5. INCLUSÃO

### 6. PARADIGMAS EDUCACIONAIS

### 7. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

#### 7.1 Práticas Pedagógicas na Educação Infantil

#### 7.2 Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental

#### 7.3 Práticas Pedagógicas no Ensino Médio

#### 7.4 Práticas Pedagógicas no Ensino de Jovens e Adultos

#### 7.5 Práticas Pedagógicas na Educação Profissional

#### 7.6 Práticas Pedagógicas no Ensino Superior

#### 7.7 Práticas Pedagógicas na Escola Indígena

### 8. PRODUÇÃO CIENTÍFICA

### 9. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Na categoria Currículo encontramos a maioria dos trabalhos direcionados aos enfoques Conteúdos, seguido de Propostas Educacionais e Estrutura Organizacional.

O Jogo se sobressai aos demais conteúdos, como um instrumento pedagógico importante e determinante da Educação Física Escolar. De forma abrangente o jogo é o conteúdo mais utilizado nas aulas.

Em relação à Corporeidade e as Atividades Rítmicas há um movimento de retomada da importância desses conteúdos em alguns documentos que sugerem alternativas para o Ensino da Educação Física na Escola.

Referindo-se a Propostas Educacionais, os trabalhos direcionam-se para o entendimento da Cultura Corporal de Movimento, bem como, contribuir com as reflexões da área referente à constituição de práticas pedagógicas inovadoras, processo que implica em transformação da prática pedagógica em Educação Física, vista meramente como atividade, para uma prática condizente com o *status* de componente curricular.

No tocante à Estrutura Organizacional, os estudos revelam a implantação do Ensino em tempo Integral, em cidades do Estado do Paraná e Santa Catarina e do Projeto Criança Cidadã, em cidades do Rio Grande do Sul, com o intuito de perceber as mudanças sociais e como elas interferem na ação pedagógica dos docentes de Educação Física no contexto escolar em ciclos de formação. Ainda, na Categoria Currículo, apareceram em menor proporção trabalhos relacionados à Indisciplina, Bem- Estar e Motivação.

A categoria Formação apresentou um número de estudos relevantes sobre a ótica da Formação de Professores em relação à Formação Continuada.

Salientamos neste contexto, a importância da formação de professores, uma vez que, a perspectiva tradicional de formação de professores, muitas vezes, vem se apoiando na lógica da racionalidade técnica, seguindo um modelo de formação centrado somente na transmissão de conhecimentos. Sabemos que hoje conceber educação para o professor está em oposição a esta concepção.

De acordo com Tardif (2002 apud ALVES, 2004), o professor, em seu trabalho, mobiliza uma pluralidade de saberes: os saberes da formação profissional, relativos às ciências da educação e das idéias pedagógicas; os saberes disciplinares, oriundos das disciplinas específicas; os saberes curriculares, relativos à organização do conhecimento escolar; os saberes experienciais, oriundos da experiência profissional individual e da socialização no trabalho. A contribuição deste autor foi fundamental, ao possibilitar a percepção da complexidade do trabalho docente e a compreensão de que os professores constroem e mobilizam saberes em seu ofício.

Os trabalhos relacionados à Formação Continuada tiveram o foco nas contribuições do processo formativo em Programas de Pós- Graduação.

No que se refere à categoria Gênero observou-se na maioria dos trabalhos que alunos e professores trazem fortes indícios da internalização de valores e discursos, social e culturalmente construídos, que participam da institucionalização de certas formas, práticas e prioridades para cada gênero, sem, contudo, serem necessariamente percebidos.

Existe uma grande dificuldade dos professores em trabalhar com o diferente: o gordo, o preto, os alunos em defasagem idade/série ou com necessidades educacionais especiais. As percepções de alguns professores de Educação Física estão enraizadas numa visão de referência etnocêntrica.

A categoria Identidade enfatizou em seus trabalhos questões como: Legalidade e Legitimidade da Educação Física como componente curricular e a postura do Profissional de Educação Física que atua na área escolar.

Na categoria Inclusão os trabalhos voltam para as dificuldades encontradas na proposta Inclusão Escolar tais como: o não envolvimento dos gestores no processo; falta de preparação do professor em sua formação inicial e continuada, espaços físicos inadequados para a realização das aulas; número excessivo de alunos nas turmas; ausência de estratégias de ensino que possibilitem a participação efetiva dos alunos Portadores de Necessidades Especiais, entre outras.

Neste contexto é importante a construção de uma metodologia que envolva o coletivo, agregando professores das diferentes áreas do conhecimento em torno de uma proposta interdisciplinar. Investindo na inserção de conteúdos e disciplinas nos currículos de cursos de formação que abordem a temática referente à Educação de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais.

Os trabalhos selecionados na categoria Paradigmas Educacionais salientaram as diversas abordagens direcionadas à Educação Física como: Cultura Corporal; A Unidualidade baseada no Paradigma da Complexidade; Crítico- Transformadora; Didática Comunicativa; Práticas Inovadoras; Autonomia; Histórico- Cultural; Educação Ambiental e Educação Física; Educação Física e Projeto Político Pedagógico.

Embora ainda exista em nossa sociedade uma cultura de que a Educação Física seja um mero instrumento de preparação física, desconectado da formação educacional, os trabalhos apontam, em suas essências, para uma prática docente respaldada numa visão e abordagem da valorização da cultura, da cooperação e reflexão da realidade; não cabendo mais um modelo reprodutor, mas sim transformador.

A categoria Práticas Pedagógicas direcionou seus trabalhos aos diferentes Níveis de Ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino de Jovens e Adultos, Ensino Profissional, Ensino Superior e Escola Indígena.

Independente do Nível de Ensino, os trabalhos abordam questões como: A atuação Professor de Educação Física; Como os Professores de Educação Física podem construir um trabalho em que as dimensões da teoria e da prática se relacionem de forma integrada; As relações que se estabelecem nas aulas de Educação Física; Idéias de corpo humano apresentadas no decorrer da história até os dias atuais e suas influências para a Educação Física Escolar; O papel da Educação Física na formação humana.

Entendemos que dependendo da abordagem que se emprega a Educação Física Escolar, esta refletirá na Prática Pedagógica do Professor.

Os trabalhos referentes à categoria Produção Científica, direcionaram-se para a Pós-Graduação em Educação e Educação Física e as tendências na produção do conhecimento.

A categoria Representações Sociais, vislumbrou em seus trabalhos identificar as representações sociais da Educação Física na ótica do professor, do aluno e da comunidade escolar, conforme consta nos Quadros 8 e 9, a seguir.

<b>TEMÁTICA/ANO</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>TOTAL</b>
ED. FÍSICA ESCOLAR	55	50	105

Quadro 8 – Produção da Temática Educação Física Escolar do Banco de Teses e Dissertações da CAPES – no período de 2007 a 2008.

Fonte: A Autora (2009)

<b>CATEGORIAS/ ANO</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>TOTAL</b>
<b>1. CURRÍCULO</b>			
1.1 Estrutura Organizacional	3		3
1.2 Conteúdos			
1.2.1 Atividades Rítmicas		1	1
1.2.2 Corporeidade	2		2
1.2.3 Jogo	4	1	5
1.3 Propostas	2	4	6
1.4 Indisciplina	2		2
1.5 Bem –Estar	1		1
1.6 Motivação		1	1
<b>2. FORMAÇÃO</b>			
2.1 Formação de Professores	4	10	14
2.2 Formação Continuada	1	2	3
<b>3. GÊNERO</b>	3	4	7
<b>4. IDENTIDADE</b>			
4.1 Docente	2		2
4.2 Educação Física	3	3	6
<b>5. INCLUSÃO</b>	3	3	6
<b>6. PARADIGMAS</b>	12	11	23
<b>7. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS</b>			
7.1 Práticas Pedagógicas na Educação Infantil	3		3
7.2 Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental	4	2	6
7.3 Práticas Pedagógicas no Ensino Médio		1	1
7.4 Práticas Pedagógicas no Ensino de Jovens e Adultos		1	1
7.5 Práticas Pedagógicas no Ensino Profissional	2		2
7.6 Práticas Pedagógicas na Educação Superior		1	1
7.7 Práticas Pedagógicas na Escola Indígena	1		1
<b>8. PRODUÇÃO CIENTÍFICA</b>	1	2	3
<b>9. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b>	2	2	4
<b>10. OUTRAS*</b>		1	1
	55	50	105

Quadro 9- Categorização dos Trabalhos relacionados à Educação Física Escolar encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES no período de 2007 a 2008

Fonte: A Autora (2009)

\* Essa categoria congregou um trabalho, o qual não ficou claro seu propósito.

Desta análise, constatamos que as diversas temáticas e linhas de pesquisas que norteiam as reflexões sobre a Educação Física Escolar voltam a atenção para a construção de um cidadão integral, desconstruindo práticas e transformando papéis.

Percebemos que os estudos apresentados nos mais diversos Grupos de Trabalhos, reiteram a urgência da Educação Física por ações que efetivem o seu papel no contexto escolar, partindo da formação inicial, aproximando a Universidade da escola e buscando reorientar o idioma pedagógico.

Enfatizamos também, a inexistência de estudos relacionados à temática, no contexto do Município de Santiago/ RS, no qual foi realizado este estudo.

Acreditamos que o CBCE, ANPEd e CAPES foram fontes riquíssimas de pesquisa nas quais buscamos elementos sobre a construção do Estado de Conhecimento da Educação Física e sua importância, a partir da produção teórica que é comprometida e atenta às mudanças e aos desafios das diversas temáticas que abrangem a Educação.

## 2.4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### 2.4.1 O professor e sua formação

A criação de Escolas de Educação Física no meio civil não sucumbiu a forte influência no ensino da instituição militar, pois ainda hoje sentimos os reflexos disso.

Segundo Taffarel (1993, p. 32), os vínculos da educação física com o 'regime de caserna' legitimam as bases militares sobre as quais se forma a Educação Física:

Trata-se da Educação Física entendida como prática que, no Brasil, nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcadamente influenciada pelo Métodos Ginásticos Europeus e pela Instituição Militar responsável pela formação de profissionais da área, até aproximadamente 1939. Esta formação delineou para a época, um perfil do profissional de Educação Física que o diferenciou dos demais profissionais do magistério. Tal diferenciação já se dava na formação acadêmica, onde se diferenciava a exigência menor para o ingresso nos cursos de Educação Física, bem como durante o processo nos cursos de formação que durava somente dois anos: exigia-se apenas o curso secundário fundamental.

Um dos primeiros movimentos para aproximar a formação do professor de Educação Física das demais licenciaturas foi, em 1945, a alteração da duração do curso de dois para três anos. Mas somente em 1950, por pressão do movimento estudantil, passou a ser exigido para a prestação do vestibular, o certificado do curso clássico ou científico.

Após o golpe de 1964, as universidades Brasileiras passaram por inúmeras modificações, desse período em diante multiplicaram-se as Escolas de Educação Física e o



desporto de alto nível tornou-se o paradigma de toda a educação física. Em 1969 o Conselho Federal de Educação (CFE) emitiu a Resolução nº 69/69 e o Parecer nº 894/69 que prevêem o currículo mínimo para os Cursos de Formação de Professores de Educação Física com as respectivas cargas horárias e com o Parecer nº 672/69, fixa as matérias pedagógicas comuns a todas as licenciaturas.

Faria Junior (1987, p. 23) acrescenta:

Somente assim, com sete anos de atraso em relação à legislação (Parecer nº 292/62 do CFE) e com trinta anos, de fato, em relação às demais licenciaturas, matérias pedagógicas como Didática, Prática de Ensino, Psicologia, etc..., foram efetivamente incluídas nos currículos de Educação Física, aproximando a formação deste profissional da dos demais.

No final da década de 1970, com a reorganização dos movimentos sociais, amplia-se o debate em torno das questões relativas à formação de recursos humanos para a Educação Física. O debate recaía no caráter inapropriado do currículo em relação às licenciaturas que além de aprisionar as Escolas de Educação Física com contextos completamente distintos, encontrava-se inteiramente defasado em relação à realidade educacional e cultural, para Borges (1998).

As discussões tomam proporções cada vez maiores e nos anos de 1980 e 1990, estudos no âmbito da formação do profissional de Educação Física começam a ser efetivamente desenvolvidos.

Taffarel (1993, p. 36) assim sinaliza:

Demarcam-se posições diferenciadas, cada vez mais explicitadas, nas discussões sobre as funções sociais da Educação Física, sua legitimidade e sua autonomia (Bracht, 1992). Em um amplo espectro, ainda não muito bem delineado, encontram-se tanto os que defendem a Educação Física na perspectiva, da saúde, [...] como os que questionam este papel e buscam explicações dentro das perspectivas sociológicas, psicopedagógicas, além daqueles que buscam entender a Educação Física como componente da cultura corporal esportiva.

Devido às mudanças conceituais e epistemológicas na área da Educação Física; no desenvolvimento do paradigma da aptidão física que tomou conta dos cursos com o crescimento e a ampliação dos espaços físicos nas últimas duas décadas e com o processo de desvalorização dos profissionais da educação, que se deu paralelamente à expansão do

mercado de trabalho, já não mais restrito à escola, surgiu a implantação do Bacharelado em Educação Física.

A Resolução do Conselho Federal de Educação 03/87, de 16 de junho de 1987, estabeleceu que a formação dos profissionais de Educação Física seria feita em curso de graduação, com a duração mínima de quatro anos e conferiria o título de Bacharel e /ou Licenciado em Educação Física.

Para isso, os currículos desses cursos deveriam possibilitar a aquisição integrada de conhecimentos e técnicas que permitissem atuação nos campos da Educação Escolar (Educação Infantil, Ensino fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e Não- Escolar (Academias, Clubes, Centros Comunitários/ Condomínios, etc...).

O Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) 9/2001 derogou o contido da Resolução nº 3/87 acerca da possibilidade de obtenção de diploma com Bacharelado e Licenciatura simultaneamente. Posteriormente, as Resoluções do CNE nº 1 e 2 de 2002, apontaram a necessidade de implementação, até o ano de 2005, de novos projetos pedagógicos, com adequação dos currículos dos cursos de Licenciatura o que também se aplicou à Educação Física.

Revisitando a literatura acerca da formação do Professor de Educação Física, percebemos que ocorre um embate entre autores que defendem a criação de Cursos de Bacharelado, acreditando que este enfoque trará contribuições para a qualificação dos profissionais de Educação Física e ajudará a construir uma produção científica na área. Elevando o nível dos cursos e, conseqüentemente, proporcionado seu reconhecimento nas comunidades acadêmicas e sociais.

Por outro lado, há os que embora reconheçam as pressões decorrentes da ampliação do mercado de trabalho e a própria fragilidade dos cursos, os quais tem formado Professores de Educação Física, acreditam que a criação de cursos de Bacharelado fragmentará ainda mais a formação desses profissionais. Os que se posicionam nesta direção, acreditam que, ao invés de contribuir para a elevação do nível dos cursos, o Bacharelado acarretará o empobrecimento da área, decorrente da formação especializada, argumenta Borges (1998).

Nosso intuito aqui não é apontar qual o enfoque que deverá prevalecer na área da Educação Física, Bacharelado ou Licenciatura, mas sim pontuar os saberes necessários para a formação da identidade do Professor de Educação Física, neste caso na Licenciatura que é o foco deste estudo.

A Resolução 7/2004, editada posteriormente, ao tratar do trabalho dos profissionais de Educação Física no âmbito escolar, reafirma que esta formação deverá seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica, assim como os Pareceres e Resoluções próprios.

Na Educação Física, as unidades de conhecimento específico que constituem o objeto de ensino do componente curricular Educação Física serão aquelas que tratam das dimensões biológicas, culturais, didático- pedagógicas e técnico-instrumentais do movimento humano.

O conjunto de saberes, e práticas da formação de professores deve fundamentar e contextualizar os conhecimentos específicos da Educação Física, complementando-se mutuamente de modo a garantir aos alunos da Licenciatura o domínio das teorias, práticas, procedimentos e atitudes próprias da docência.

Tardif (2004, p. 36) coloca a relação dos docentes com os saberes, e “não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações”.

Neste sentido o autor descreve a partir de quatro formas como o saber docente pode ser compreendido:

- Os Saberes da Formação Profissional (das ciências da educação e da ideologia pedagógica) – O conjunto de saberes transmitidos pelas Instituições de Formação de Professores (escolas normais ou faculdades de ciências da educação). O professor e o ensino constituem objetos de saber para as ciências humanas e para as ciências da educação.

- Os Saberes Disciplinares – São saberes que correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes de que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje

integrados nas Universidades, sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos.

- Os Saberes Curriculares – Estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais Por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para a cultura erudita.

- Os Saberes Experienciais – Os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades de saber-fazer e de saber-ser.

Dentre os Saberes descritos por Tardif (2004), os Saberes Experienciais são citados como essenciais na formação do professor e não podem ser ignorados.

De acordo com Therrien (1993, p. 10), o saber experiencial é o saber próprio do professor, que se constrói em sua práxis social cotidiana como ator social, educador e docente:

Considerando o processo de formação dos professores como elo inseparável da prática docente, numa perspectiva dinâmica de formação permanente, torna-se crucial identificar, descrever e analisar os elementos desse saber inter-relacionados com os saberes pedagógicos e disciplinares oriundos das instituições de formação dos profissionais de ensino, bem como, os saberes curriculares definidos pela instituição escolar onde devem ser transmitidos. Importa, portanto, estudar a proveniência e os processos de apropriação, na prática pedagógica dos docentes, do saber socialmente construído na sua práxis cotidiana.

Entendemos que a melhoria do ensino deve depender da interação do conhecimento gerado pelos professores e o adquirido pelas Instituições de Ensino Superior.

Nóvoa (1992, p. 25), observa que a formação docente não deve estar desvinculada das dimensões pessoais: “estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”, e complementa que:

O professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso reencontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se de seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias de vida. A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Surge, então, o movimento chamado ensino reflexivo, defendendo “que não apenas as universidades ou institutos de pesquisa podem pensar o ensino, mas os professores também têm teorias que podem contribuir para uma base codificada de conhecimentos de ensino”, diz Zeichner (1993 apud BETTI e BETTI, 1996, p. 12).

As idéias sobre a teorização e implementação variam de autor para autor, mas, o ponto comum entre elas é a formação baseada na prática da reflexão sobre o ensino, onde o resultado seria um profissional que refletisse antes, durante e após a ação de ensinar; de modo a impedir o comodismo tão prejudicial à imagem da Educação Física.

#### **2.4.2 O professor e seu papel**

Ao analisar o processo histórico da Educação Física, observamos como o Professor de Educação Física foi se constituindo ao longo deste período. Percebemos que a Educação Física de uma maneira bem singular, sempre esteve a serviço da ideologia dominante, caracterizando-se como atividade alienante e elitista. Alienante ao excluir alunos (considerados sem habilidades) em nome do esporte de alto nível. Elitista pela forma como vem tratando o corpo do aluno, visto como objeto manipulável, que deve ser enquadrado em padrões mínimos aceitáveis de rendimento, para Braid (2003).

Encontramos ainda hoje, profissionais que atuam sobre a ótica de formar homens fortes e saudáveis, resquícios do higienismo, ou preocupados com o disciplinamento mecânico, resquícios do militarismo, e ainda com o adestramento, com a competição, resquícios do tecnicismo. Porém, também observamos profissionais preocupados em dar um sentido mais humano às suas práticas pedagógicas, com um olhar diferenciado sobre o corpo do educando.

Entendemos que o Professor de Educação Física hoje tem um papel fundamental na escola: é ele que deve justificar a permanência da sua disciplina no currículo e apresentar sua finalidade, argumentando a sua importância.

Nesta perspectiva buscamos, em Coll (1997), que ao professor de Educação Física compete: a mediação dos conhecimentos e conteúdos propostos para cada etapa permeados nas esferas conceitual (de caráter introdutório, histórico e classificatório), procedimental (do fazer corporal e da experimentação) e atitudinal (como campo de princípios e valores).

No que tange a essa última dimensão, os valores expressos pelo professor serão inevitavelmente ‘transmitidos’ aos alunos, visto que o contato destes com os professores possibilita uma relação de aproximação, confiança, respeito e imitação.

É tarefa do professor preparar as situações de ensino de tal maneira que estimulem o aluno a agir e que os problemas e questionamentos do aluno possam ser resolvidos por ele próprio, com base na sua condição de poder fazer e de suas experiências.

As vivências corporais de cada aluno, também devem ser valorizadas, assim como merecem respeito tudo que venha tornar este ser humano único e, portanto, diferente. Para que o ensino seja de qualidade, as aulas devem ser relacionadas com a prática ou a experiência do aluno a fim de adquirir significado, a relação entre teoria e prática requer a concretização dos conteúdos curriculares, criando situações mais próximas e familiares do aluno com a aplicação de conhecimentos constituídos na escola e compreendendo as situações da vida cotidiana.

O que se pretende é que o professor, “[...] faça o aluno pensar, estimular suas faculdades, criar oportunidades de utilizar os seus talentos, respeitando os diversos modos de aprender e expressar”, para Neira (2006, p. 166).

Outro ponto que merece ser ressaltado é a integração do Professor de Educação Física com os demais segmentos da escola na participação efetiva e na construção do projeto político pedagógico.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola apóia-se, segundo Gadotti (2000, p. 37),:

[...] no desenvolvimento de uma consciência crítica; no envolvimento das pessoas: as comunidades interna e externa à escola; na participação e na cooperação das várias esferas do governo; e na autonomia, responsabilidade e criatividade como processo e como produto do projeto.

Evidenciamos que, o Projeto Político Pedagógico, o qual situa a escola no contexto geral e local onde está inserida, busca alternativas para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, elabora estratégias para alcançar os objetivos propostos pela comunidade escolar, propõe atividades a serem realizadas no âmbito escolar. Sugere ações para minimizar os problemas educacionais existentes, através de uma unidade de ação, envolvendo todos os segmentos da escola, numa busca constante pelo diálogo, proporcionando meios para a construção do conhecimento e preparação de um cidadão consciente, responsável pelos seus atos e pela sociedade onde está inserido.

Assim, um Projeto Político Pedagógico se constrói de forma interdisciplinar, com comprometimento, participação e ousadia. É um momento importante de renovação da escola. “Não basta trocar de teoria como se ela pudesse salvar a escola. A escola que precisa ser salva, não merece ser salva”, nos diz Gadotti (2000, p. 37).

É importante salientar que vivemos hoje numa sociedade multicultural e que necessitamos uma educação para a diversidade.

Sobre a educação para a diversidade, Gadotti (2000, p. 41) nos chama a atenção:

Uma sociedade multicultural deve educar o ser humano multicultural, capaz de ouvir, de prestar atenção ao diferente, respeitá-lo. Nesse novo cenário da educação, será preciso reconstruir o saber da escola e a formação do educador. Não haverá um papel cristalizado tanto para escola quanto para o educador. Em vez da arrogância de quem se julga dono do saber, o professor deverá ser mais criativo e aprender com o aluno e com o mundo.

Nos propõe Neira (2009, p. 42), a respeito de um currículo multicultural crítico, que:

É preciso transformar o conhecimento dos alunos em objeto de análise e investigação. Considero válido, por exemplo, um projeto que aborde o funk e o axé no contexto de outras danças contemporâneas, estudando as letras, entendendo o que está embutido nelas, as práticas interessantes ou desinteressantes que acompanham essas manifestações. Em seguida, é possível convidar dançarinos ou trazer vídeos para apresentar outras danças, ampliando o repertório da turma. É um trabalho multicultural porque considera diversos tipos de prática corporal, mas é um multiculturalismo crítico porque questiona e analisa cada uma delas.

O Professor de Educação Física tem a seu favor o que é mais importante no processo educativo, o aluno. Cabe a ele, dialogar com os alunos em relação aos conteúdos que serão trabalhados, mostrar a importância para o aluno daquilo que ele está aprendendo, situando-o na sociedade, entender e respeitar os limites de cada um e repensar constantemente a sua ação pedagógica.



### 3 CAMINHOS DESTA INVESTIGAÇÃO

#### 3.1 OBJETIVO

Analisar a abordagem pedagógica da Educação Física que os professores entrevistados estão desenvolvendo em suas escolas hoje.

#### 3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia utilizada no presente estudo caracterizou-se em uma pesquisa qualitativa, orientada pelo paradigma naturalístico construtivista e abordagem descritiva interpretativa.

Revelando de forma mais específica a pesquisa qualitativa, apresenta cinco características que a constituem e as quais são muito bem ressaltadas nas palavras de Bogdan e Biklen (1994, p. 47):

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números; Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados e produtos; Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

De acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa é rica em dados descritivos, apresenta um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

O processo de pesquisa, no paradigma naturalístico construtivista, proposto por Lincoln e Guba (1985), inicia-se dentro do ambiente natural, pois independente do objeto de estudo, ele adquire sentido e significado no seu contexto original de ocorrência.

Assim, este tipo de metodologia proposta por Lincoln e Guba (1985), não busca chegar a conhecimentos objetivos de fenômenos sociais através de práticas científicas. Ao contrário, ao dizer que este estudo se enquadra nesta nomenclatura, ratificamos o fato de poder inseri-lo no âmbito das pesquisas dialéticas e, desta forma, construtivistas, nas quais o conhecimento, as descobertas e as conclusões são construídas socialmente.

A opção por uma investigação de viés qualitativo, com abordagem descritiva interpretativa decorre em função do entendimento de que a pesquisa consiste em descrever, compreender e interpretar um fenômeno educativo no contexto escolar. Possibilita uma visão global do objeto em estudo, focalizado como um todo sem, no entanto, deixar de revelar a multiplicidade de seus aspectos. Oportuniza solidez nas interpretações.

Referindo-se a pesquisa descritiva, Marconi e Lakatos (2009, p. 06) colocam: “Delineia o que é - aborda também quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente”.

Gil (2008, p.42) ao indicar a pesquisa descritiva interpretativa:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]. As pesquisas descritivas são juntamente com as exploratórias, as que habitualmente são realizadas pelos pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. [...] a pesquisa explicativa tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

### 3.3 QUESTÕES NORTEADORAS

A pergunta chave sobre a abordagem pedagógica da Educação Física que os professores estão desenvolvendo nas escolas hoje, possibilitou desdobrar nas seguintes questões norteadoras:

- Que abordagem pedagógica da Educação Física os professores relatam que desenvolvem nas suas escolas?

- Quais as dificuldades relatadas pelos professores para que a Educação Física seja consolidada e legitimada como disciplina na escola, junto aos alunos, professores, pais e equipe diretiva?

- Qual o papel que relatam sobre professor de Educação Física?

- Quais perspectivas relatam para professores de Educação Física nos dias de hoje?

### 3.4 PARTICIPANTES E AMBIENTE DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram Professores de Educação Física de três Escolas de Educação Básica, do Nível de Ensino Fundamental – Séries Iniciais e Finais, pertencentes às Redes Municipal, Estadual e Privada de Ensino da cidade de Santiago/RS. Sendo estes, 2 professores da Rede Municipal (1 Séries Iniciais e 1 Séries Finais), 2 professores da Rede Estadual (1 Séries Iniciais e 1 Séries Finais) e 2 professores da Rede Privada (1 Séries Iniciais e 1 Séries Finais), totalizando 6 professores.

A escolha intencional pelas três redes de ensino se efetuou devido ao Nível de Ensino Fundamental ser comum nas três redes de Ensino (Municipal, Estadual e Privada), permitindo uma análise mais abrangente e rica sobre o tema em questão.

Foram fatores determinantes para a escolha destes participantes:

- O primeiro critério para a escolha dos participantes foi que estes fossem professores de Educação Física que trabalhassem com o Nível de Ensino Fundamental Séries Iniciais e Finais. Este critério se estabeleceu por ser neste Nível de Ensino em que o processo de ensino/aprendizagem possibilita aos alunos, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades e destrezas, bem como, capacitar a refletir sobre suas possibilidades corporais e com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.

- O segundo critério foi a titulação acadêmica dos participantes. A intenção era ter professores Licenciados em Educação Física por uma Instituição de Ensino Superior. Este critério se estruturou devido, em outros tempos, à Educação Física principalmente na rede de

Ensino Municipal, ser trabalhada por um professor de outra disciplina, não necessariamente por um professor de Educação Física.

- O terceiro critério foi o tempo de serviço, no exercício ativo do Magistério, no mínimo cinco anos e com uma jornada de trabalho mínima de vinte horas semanais. Este, por acreditar que o professor como parte ativa no contexto educacional, apresenta uma compreensão sobre o processo educativo e seu funcionamento.

A caracterização dos participantes ficou assim delineada:

- Professor 1: Licenciatura em Educação Física, Especialização em Educação Física com Área de Concentração Técnica em Voleibol e quinze anos de exercício no Magistério na rede Privada de Ensino.

- Professor 2: Licenciatura Plena em Educação Física e seis anos de exercício no Magistério na rede Municipal de Ensino.

- Professor 3: Licenciatura Plena em Educação Física, Especialização em Interdisciplinariedade e sete anos de exercício no Magistério na rede Estadual de Ensino.

- Professor 4: Licenciatura Plena em Educação Física, Especialização em Ciências da Educação e trinta e sete anos de exercício no Magistério da rede Estadual de Ensino.

- Professor 5: Licenciatura em Educação Física e oito anos de exercício no Magistério na rede Privada de Ensino.

- Professor 6: Licenciatura Plena em Educação Física e vinte anos de exercício no Magistério na rede Municipal de Ensino.

### 3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, que utiliza a presença do pesquisador, oferecendo todas as perspectivas possíveis para que o

sujeito pesquisado alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Utilizamos a entrevista semi-estruturada, com o intuito de garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo, e, também dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado apontar aspectos que segundo sua ótica, sejam relevantes, de acordo com a temática.

Os professores das três escolas foram contatados através de telefonemas e convidados a participar da pesquisa. Receberam uma breve explanação sobre os objetivos da pesquisa e a relevância do assunto para a Educação Física no contexto Escolar.

Aos que se manifestaram interessados, foi questionado a titulação acadêmica e o tempo de serviço no Magistério; a partir disto, a disponibilidade para realização da entrevista. O local e horário das entrevistas foram definidos conforme a disponibilidade dos participantes. Antes de iniciar a entrevista, foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias (uma para o participante, outra para o pesquisador), concordando que o conteúdo da entrevista fosse gravado e posteriormente utilizado para análise.

## 4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento de análise dos dados utilizado nesta pesquisa foi a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2007, p. 37) como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção- recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ainda em Bardin (2007), este método de análise permite ao investigador, em sua prática interpretativa, uma mobilidade entre o que está dito nas mensagens e informações dos entrevistados e o latente, o não operante. Possibilita, assim, o atendimento de inúmeras necessidades de pesquisadores envolvidos na análise de dados de comunicação, especialmente aqueles voltados a uma abordagem qualitativa. Ele ajuda a reinterpretar mensagens e atingir uma compreensão de seus significados.

Para a Análise de Conteúdo, foram utilizados os procedimentos adotados por Bardin (2007), organizados nas seguintes fases: a Pré-Análise; a Exploração do Material; o Tratamento dos Resultados, a Inferência e a Interpretação.

1. A Pré-Análise (leitura flutuante do material, formulação de hipóteses e objetivos, estabelecendo-se a dimensão e a direção da análise).

É a fase de organização propriamente dita. Nesta fase, o pesquisador decidirá a forma a ser usada para reunir as informações. Neste caso, escolhemos a entrevista semi-estruturada para a coleta das informações. As entrevistas foram sendo escritas à medida que aconteciam. Isto permitiu verificar se as informações estavam de acordo com os objetivos da investigação. A análise preliminar dos textos permitiu conhecer o discurso e colher as primeiras impressões. Nessa fase, constituímos o *corpus* da investigação, que será submetido aos procedimentos analíticos adiante.

## 2. A Exploração do Material (codificação e numeração das unidades de registro para a análise)

Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

A leitura integral das entrevistas realizadas foi indispensável, devendo ser seguida pela leitura das falas de cada entrevistado a respeito dos tópicos específicos da entrevista. Este procedimento permitiu destacar os pontos importantes de cada fala. A seguir, uma nova leitura dos aspectos grifados foi feita, a fim de perceber novos destaques. Esse procedimento foi repetido para cada tópico da entrevista.

## 3. O Tratamento dos Resultados Obtidos, a Inferência e a Interpretação (inferências e interpretações, síntese e seleção dos resultados observados)

A análise e a interpretação ocorreram quando os diferentes aspectos do discurso dos entrevistados foram selecionados e agrupados em eixos temáticos, que nortearam a análise da pesquisa. É a fase da interpretação intensiva dos aspectos destacados. Além do conteúdo manifesto do discurso, o esforço fundamental consiste em trazer à tona o conteúdo latente das falas. Ambos são essenciais para a análise de cada eixo. Neste momento, os elementos significativos do discurso dos entrevistados são perceptíveis nos pontos de convergência e divergência. A elaboração do texto de análise foi enriquecido com recortes das falas dos entrevistados.

É importante ressaltar que na análise dos dados obtidos em uma pesquisa, é preciso que o pesquisador vá além da mera descrição, buscando acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para tanto, é fundamental que se faça um esforço de abstração e se ultrapasse os dados, buscando estabelecer conexões e relações que possibilitem propor novas explicações e interpretações sobre o fenômeno estudado.

## 4.2 DESVELANDO AS CATEGORIAS

As informações coletadas, mediante entrevistas semi- estruturadas, foram analisadas, utilizando a Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2007), e as unidades e temas que emergiram da exploração do conteúdo das entrevistas foram agrupados em categorias. De acordo com as entrevistas, emergiram quatro categorias, algumas delas divididas em subcategorias, com o propósito de explicitar melhor as unidades de análise encontradas, possibilitando a estruturação que segue:

### **1. A Escolha Profissional**

1.1 O Gosto pelas Atividades Físicas e Esportes

1.2 Educação Física/ Segunda Opção

### **2. A Abordagem Pedagógica da Educação Física na Escola**

2.1 Abordagem Tradicional/Tecnicista

2.2 Abordagem Progressista

### **3. Construção de uma Identidade de Educação Física**

3.1 Prática Pedagógica mais próxima da Proposta Pedagógica

3.2 Educação Física como Componente Curricular

### **4. O Professor de Educação Física como Processo**

4.1 Formação como Professor de Educação Física

4.2 O Papel enquanto Professor de Educação Física

4.3 As Perspectivas como Professor de Educação Física



## 5 DISCUSSÕES E COMENTÁRIOS SOBRE AS CATEGORIAS EMERGIDAS

### 5.1 A ESCOLHA PROFISSIONAL

A primeira categoria que emergiu refere-se à Escolha Profissional onde os Professores entrevistados quando questionados, colocaram diferentes contextos os quais nortearam suas escolhas. Alguns baseados em suas experiências anteriores relacionadas à área, evidenciando o papel da escola e outros que tiveram sua aproximação com a Educação Física, em outros contextos que não o escolar.

A organização desta categoria e sua divisão pode ser visualizada no Quadro 10 abaixo.

Categorias	Subcategorias
5.1 A Escolha Profissional	5.1.1 O Gosto pelas Atividades Físicas e Esportes 5.1.2 Educação Física/ Segunda Opção

Quadro 10 – Categoria 1  
Fonte: A Autora (2009)

#### 5.1.1 O gosto pelas atividades físicas e esportes

Nesta subcategoria, podemos observar nas falas da maioria dos Professores a relação da escolha profissional direcionada ao gosto pelas atividades físicas e esportes.

Colaborando com esta ótica o Professor 2 afirma: *“desde que eu entrei na faculdade, eu sempre me encontrei nessa área da Educação Física Escolar, porque tive uma experiência como atleta desde a época do colégio então me direcionei para esta área”*.

De acordo com Verenger (1995, p. 74), “[...] os currículos formadores de professores de Educação Física não estão capacitando adequadamente o profissional para atuar como educador e sim, para ser técnico desportivo”.

Este motivo é reforçado na formação inicial, pois, na maioria dos cursos de Licenciatura em Educação Física, no Brasil, a ênfase é uma formação voltada, basicamente para trabalhar o esporte na escola.

Sabemos o quanto o esporte é importante na formação da criança, o que nos inquieta é a forma como este conteúdo vem sendo desenvolvido nas escolas durante muitos anos, direcionando-o exclusivamente para o nível de competição. Não que a competição, não faça parte do processo de aprendizagem, mas ela deve ser desenvolvida numa outra perspectiva, ou seja, negociar regras, incentivar a participação de todos os alunos (os que possuem mais habilidades, os que possuem poucas habilidades, portadores de necessidade especiais), construindo valores de companheirismo, união e respeito.

Então, nossa preocupação deve estar centrada em como desenvolver as atividades de forma que estas, tenham sentido e significado para o aluno, possibilitando uma construção do conhecimento não só para aquele trimestre ou ano, mas para a vida deste aluno. A Educação Física é, indiscutivelmente um instrumento de enriquecimento das diferentes manifestações do movimento humano.

Vejamos o que diz o Professor 6:

*Eu sempre me dediquei para a Educação Física, para o esporte, para as atividades desde criança. Era um tempo que a gente praticava as atividades desde que aprendia a caminhar. Hoje eu vejo que as crianças não tem essa prática que a gente tinha na nossa infância, subir em árvores, jogar futebol de manhã, a tarde e se possível a noite. Eram brincadeiras de correr, de pegar nos espaços abertos que a gente tinha, perto de nossas casas, nos campinhos. Acho que a minha geração foi privilegiada neste ponto, isto despertou em mim o gosto pela atividade seja ela física ou lúdica, pelo esporte. Com certeza foi o que me levou a escolher a Educação Física como profissão e eu sou muito feliz até hoje.*

Professor 4: “[...] sempre gostei de atividades livres, de brincadeiras, de jogos, de atividades que fazem com que o aluno se sinta mais ele, é ele que trabalha, é ele que mostra seu desempenho, o professor cuida, ensina, mas é o aluno que se põe na prática”.

Através das falas e dos autores consultados, percebemos que a Educação Física apresenta um leque de possibilidades de serem trabalhados diferentes conteúdos, não apenas direcionando a aprendizagem para o esporte, mas também para o atletismo, ginástica, dança,

capoeira, atividades lúdicas. Isto vai depender da formação, do conhecimento, da percepção e da prática pedagógica do professor.

Concordando com esta perspectiva, o Professor 5 expressa “[...] *quando entrei na faculdade, vi o grande amor que eu tinha pela Educação Física, sempre gostei do esporte, mas acabei vivenciando outras possibilidades, falamos em cultura corporal de movimento, isso que é digno da Educação Física, é isso que eu passo para os meus alunos*”.

Referindo-se à Cultura Corporal de Movimento, Bracht (2004, p. 2) pontua que:

[...] a corrida realizada no atletismo, não é uma manifestação apenas biológica do corpo, mas uma construção histórica com um determinado significado social. Mas qual o significado? Este significado é mutável? Podemos alterá-lo, atribuir novos? Estas questões passam então a ser objeto também de nossas aulas, pois temos a atribuição de propiciar aos nossos alunos que se apropriem dessa manifestação cultural, mas não apenas de forma a repeti-la e, sim, de forma a permitir que participem dessa construção.

A partir do ano de 1980, com a inserção das diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física em oposição ao paradigma da aptidão física e esportiva inicia-se um processo de transição conceitual e de intervenção pedagógica da Educação Física na escola.

Em relação à como deve ser desenvolvida a Educação Física na escola, Neira (2009, p. 40) nos explica e exemplifica:

Certamente não deve ser a do tipo desce para a quadra, corre, corre, corre, sua, sua, sua e volta para a sala. A Educação Física proposta na escola não pode ser a mesma proposta em outros espaços. Se é apenas para o aluno se divertir, existem lugares para isso – ginásio públicos e centros comunitários, por exemplo. Se é somente para aprender modalidades esportivas, melhor procurar um clube ou uma academia. A escola não serve para formar atletas, mas para refletir e entender as manifestações culturais que envolvem o movimento.

O momento é de transição, onde o compromisso da Educação Física deixa de ser unicamente a revelação de talentos e a melhoria do performance física para a reflexão sobre as produções humanas que envolvem o movimento humano.

### 5.1.2 Educação Física/ Segunda Opção

Nesta outra subcategoria, uma pequena parcela dos Professores, relacionou a escolha profissional pela Educação Física, como segunda opção.

Optar por uma profissão é difícil, sendo importante que a pessoa em processo de escolha tenha tanto conhecimento de si mesma, quanto das profissões que a princípio deseja seguir, para Maturana (2004).

O Professor 3 expressa esse pensamento de forma bem clara e sucinta: *“na verdade eu não gostava de Educação Física, eu entrei para a Educação Física quando fui numa academia e me apaixonei, larguei a faculdade de Direito e fui fazer Educação Física”*.

Partindo desta fala, podemos observar que a escolha profissional, no caso da Educação Física, não foi vinculada a uma experiência anterior de escola, mas com uma vivência fora do contexto escolar, na academia.

É interessante observar que este mesmo Professor mais tarde, vai buscar na escola “o porto-seguro”, para a sua atividade profissional, pois a academia não lhe reserva esta condição: *“[...] resolvo fazer o Concurso para o Estado porque eu precisava de um salário fixo, porque eu não podia mais depender de uma renda instável. Este foi o primeiro estímulo a buscar a escola [...]”*.

Observamos que este Professor posterga a sua intenção de efetivamente ser um Professor de Educação Física Escolar em detrimento de outros fatores, como a academia e a estabilidade financeira.

Entretanto, para atenuar esta preocupante situação de escolha profissional, Santini e Molina Neto (2005), salientam que mesmo não havendo convicção na hora da escolha profissional, é possível, após o ingresso da pessoa no Curso de Educação Física, desenvolver competências específicas para o desempenho que o trabalho exige, caracterizando, assim, com o passar do tempo, o desenvolvimento do processo de identidade com o curso escolhido.

Neste sentido, impressiona o que o Professor 3 coloca, “[...] *hoje em dia eu sou apaixonada pelos meus alunos, acho que não conseguiria mais ficar sem colégio, porque eu me apeguei demais ao trabalho, porque gosto muito de trabalhar com gente*”.

Embora, a Educação Física não tenha sido num primeiro momento a escolha profissional, ela se inseriu na vida deste professor em diferentes momentos.

De acordo com Almeida e Ferstenseifer (2007), é uma opção que se faz a partir de nossas vivências durante nossa constituição, enquanto sujeitos históricos e culturais, dos encontros e desencontros com nossos interesses e intenções e, também, com os interesses e intenções de outros, o que medeia uma tomada de decisão.

Uma boa escolha profissional é sem dúvida valiosa tanto para o indivíduo como para a comunidade em que o mesmo está inserido, pois é através da profissão que desempenhamos nossa função social.

“Deste modo suas opções não são fruto de uma escolha individual, mas de um conjunto de fatores externos que, aliados às condições subjetivas do sujeito, constituem as circunstâncias de vida, nas quais se desenrolam os momentos de escolha”, ressalta Borges (1998, p. 89).

Enfatizamos a questão da escola, que mesmo passando por mudanças radicais de ordem (humana, estrutural, curricular,) ainda é considerada uma área de atuação segura para o profissional.

A Escolha Profissional é um dos maiores desafios com o qual nos deparamos, devido a importância de que se reveste e das dificuldades que enfrentamos.

Entendemos que, os professores que escolheram esta carreira, o fizeram porque realmente desejavam trabalhar nesta área, mesmo aqueles que inicialmente tivessem outra opção, acabaram identificando-se na Educação Física Escolar.

## 5.2 A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Esta categoria apresenta a discussão que norteia o trabalho dos Professores em relação à abordagem teórica por eles desenvolvida nas aulas de Educação Física. Percebemos que as abordagens teóricas desenvolvidas transitam entre a abordagem tradicional/tecnicista e a abordagem progressista, configurando-se assim, o Quadro 11.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>
5.2 A Abordagem Teórica da Educação Física na Escola	5.2.1 Abordagem Tradicional/Tecnicista 5.2.2 Abordagem Progressista

Quadro 11 – Categoria 2  
Fonte: A Autora (2009)

### 5.2.1 Abordagem Tradicional/Tecnicista

Em relação à questão da abordagem teórica da Educação Física desenvolvida atualmente nas escolas, percebemos que, os professores entrevistados na maioria ainda perpetuam sua prática pedagógica pautada na abordagem tradicional/ tecnicista.

Assim diz o Professor 3:

*[...] que muita gente bem intencionada começou de um jeito e acabou trabalhando igual aos outros, fazendo o que era mais fácil de fazer. Eu chegava, pegava uma turma de guris, fazia aquecimento, fazia exercícios, fazia circuito de ginástica, com exercícios adaptados, fazia um monte de coisas que hoje não faço mais, porque fui vendo os colegas trabalhando de outra forma e eu fui me adaptando e trabalhando como os outros colegas. Então aquele velho aquecimentinho correndo pelo campo, atirar uma bola. Tentei ser progressista, mas acabei no método tradicional.*

A Educação Física, em boa parte de sua história, foi hegemônica por um discurso baseado nas ciências naturais, de controle, de construção de um corpo saudável e produtivo, treinável, capaz de grandes e belos desempenhos motores. “Era o corpo natural submetido ao entendimento dominante de nossa corporeidade, não havendo espaço para considerar o corpo sujeito de cultura, produtor de cultura, pois nessa perspectiva, ele apenas sofre cultura”, conforme Bracht (1999 apud, MARTINS e FENSTERSEIF, 2009, p. 3).

As tendências Biologicista, Pedagogicista e Competitivista que nortearam a Educação Física por muito tempo, aproximam-se por uma teoria e prática tecnicista, com influência da filosofia neopositivista que as fazem portadoras de posturas identificadas com a idéia de neutralidade científica, deixam de atentarem para os objetivos do conhecimento, colocando-se e colocando-o, com proceder, a serviço do *status quo*, para Castellani Filho (2007).

Evidenciamos, que até houve uma tentativa de mudança na prática pedagógica do Professor 3, mas não se tornou efetiva. Outra impressão foi a questão da desmotivação em relação ao ‘inovar’ no trabalho, resultando no ‘comodismo’ do professor.

O domínio das competências profissionais exige uma atualização permanente, o que faz com que os grupos de trabalho, as atividades de formação às leituras e a participação em projetos de inovação sejam elementos que contribuam para reforçá-las e para melhorar a confiança e a segurança dos professores em suas possibilidades profissionais, destaca Marchesi (2008).

Corroborando com uma prática pautada na abordagem tradicional/tecnicista o professor 5 afirma: “*Professor bola. É aquele que larga a bola, com super método tradicional visando à competição, JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul), Interséries, os professores estão dentro, agora se é para fazer outra proposta, até mesmo de fazer uma aula teórica, aí é todo mundo fora*”.

Em outra fala, aparece a questão do professor comprometido e sintonizado com a escola e com a sua proposta pedagógica e o professor descomprometido com o trabalho e com os alunos, conforme o professor 4: “*É difícil avaliar e responder, porque têm professores que seguem os planos estabelecidos pela escola, por si mesmos, pelo grupo, o que se quer em cada ano escolar, etc. E tem outros que vão lá e dão aula, atiram a bolinha como a gente diz e os alunos que se virem*”.

Neste contexto, é importante ressaltar que, a proposta de trabalho do professor deve estar em consonância com a Filosofia da Escola, com o Plano Político Pedagógico e com os Objetivos da Disciplina para que sua ação pedagógica seja efetiva e condizente com o que o professor se propõe a desenvolver. Caso contrário, teremos cada vez mais professores

pautados na concepção ‘professor bola’, desenvolvendo uma prática descomprometida com o aluno, com a disciplina e com a escola.

É importante salientar, a necessidade do professor em conhecer diferentes abordagens, neste sentido Hannas (2000, p. 58) considera que:

O Educador que se julga dono da verdade, que apresenta a abordagem por ele adotada como a explicação mais convincente e correta sobre determinado assunto, acaba por anular a curiosidade dos alunos, restringindo o potencial intelectual deles; está assim, formando seres dogmáticos que se instalam dentro de suas torres conceituais. É importante mostrar ao aluno as várias maneiras pelas quais um mesmo tema pode ser considerado, o que leva a constante atitude de busca e de pesquisa.

Em relação à aprendizagem o professor 5 ainda coloca:

*[...] numa aula hoje, eles fazem voleibol, fazem alongamento e aí partem para o toque, uma fileira toque, uma fileira manchete, uma fileira saque, pronto vão para o jogo formal e deu. Na hora do jogo, que vão receber uma bola, eles não sabem o que fazer, e isso desestimula muito o aluno, tipo, faço, faço e não sei jogar.*

Percebemos aqui, uma proposta de ensino alicerçada na figura do professor enquanto transmissor único de conhecimentos, por meio de exercícios de demonstração e repetição; os professores seguem reproduzindo nas escolas os mesmos discursos que ouviram, nos anos de formação.

Em relação a esta proposta Neira (2006, p. 9), assim se posiciona:

Tal fato, considerado como predominante na vida de grande parte dos professores que atuam hoje, faz surgir uma barreira: precisamos encontrar e adotar uma concepção de ensino e aprendizagem que se apresente coerente com as finalidades da educação. Afinal, por trás de toda a prática educativa há implícita, uma concepção de aprendizagem; ou seja, todo o ensino é norteado por aquilo que o professor ou professora entende por aprendizagem.

Entendemos que, o conhecimento é socialmente produzido, isso significa que é produto de determinadas relações sociais. “Afirmar que o conhecimento é construído socialmente significa dizer que ele é da cultura dependente, de contextos históricos específicos, logo, da luta pela significação”, conforme Neira (2007, p. 126).



Desta forma, o ensino não pode ser analisado à luz de modelos passados, mas precisa ser confrontado com os interesses que permeiam a sociedade contemporânea.

Percebemos na fala do professor 2, que embora prevaleça a abordagem tradicional/tecnicista na Educação Física, há um movimento de mudança emergindo: *“ainda existe bastante a abordagem tradicional nas aulas de educação física, mas pelo menos aqui na nossa cidade, tem uma geração de professores, que estão se movimentando, estão abrindo a cabeça, os professores estão refletindo mais a forma de trabalhar [...]”*.

Para que ocorra uma “mudança de postura” frente à abordagem pedagógica vigente, é necessário conhecimento, comprometimento e persistência, pois o processo é complexo e implica em uma escolha paradigmática, que refletirá na abordagem e conseqüentemente na prática pedagógica desenvolvida.

### **5.2.2 Abordagem Progressista**

Nesta subcategoria, a abordagem progressista, é vislumbrada como uma proposta transformadora de uma prática dominante do paradigma da aptidão física e esportiva. O Professor 1, assim como nós, também acredita que: *“[...] na escola já tem projeto para o futsal, projeto para o vôlei, projeto para isso e para aquilo. Então, a Educação Física que estamos direcionando é aquela que contemple o desenvolvimento integral da criança”*.

Segundo a definição de Pereira e Hannas (2000, p. 117), na abordagem progressista:

A Educação Física deve cuidar do corpo não como algo mecânico, independente do resto, mas na perspectiva de sua relação com os outros sistemas: mental, emocional, estético, religioso, etc. Ou seja, deve considerar o ser humano um todo que interage e é interdependente com o todo mais amplo que o rodeia. Não basta praticar exercícios físicos; é necessário desenvolver a consciência corporal, que deve acontecer em qualquer situação escolar [...].

A partir de um processo intenso de reflexão sobre a área de Educação Física, no qual inúmeras críticas aos objetivos e propostas historicamente produzidos, resultaram que pouco este componente curricular estava contribuindo para a formação dos educandos.

Estudiosos da área têm se dedicado a precisar problemas e procurar caminhos que possam orientar novas propostas para a organização deste componente curricular.

Percebemos, na fala do professor 1, que este, não está mais direcionando a sua prática apenas para ensinar determinadas modalidades esportivas, mas para uma compreensão maior do movimento e de uma visão mais ampla de ser humano, saindo da visão separatista (dicotomia corpo- mente), considerando o aluno como um todo.

Embora numa aula de Educação Física os aspectos corporais sejam mais evidentes, mais facilmente observáveis, e a aprendizagem esteja vinculada à experiência prática, a este respeito, nos PCNs (BRASIL, 1997, p. 33) é destacado que:

O aluno precisa ser considerado como um todo no qual aspectos cognitivos, afetivos e corporais estão inter-relacionados em todas as situações. Não basta a repetição de gestos estereotipados com vistas a automatizá-los e reproduzi-los. É necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual.

De acordo com Bracht (1999), para que tenhamos essa leitura de Educação Física, precisamos entender o objeto da Educação Física, o movimentar-se humano como fenômeno histórico-cultural. Uma vez entendido que o movimento é constituído na relação sujeito-cultura, é possível inferir em suas formas, traduzidas em gestos e posturas significativas a cultura na qual o sujeito está inserido.

Referindo-se ao entendimento de cultura Neira (2007, p. 5) considera que:

[...] entre as práticas sociais ou formas culturais de cada grupo encontram-se as práticas corporais que são provenientes da intencionalidade comunicativa da motricidade humana sistematizada, redimensionada e transmitida de geração a geração em cada grupo cultural e nas suas infinitas hibridizações. Esse patrimônio histórico- cultural se fixou pelas expressões hoje conhecidas por esporte, ginástica, luta, dança, brincadeiras e outras manifestações culturais expressas pela motricidade humana. Essas práticas corporais ou formas de manifestações culturais são denominadas cultura corporal, cultura corporal de movimento ou cultura de movimento.

A Educação Física desenvolvida em uma abordagem progressista não se direciona para formar atletas, mas para refletir e entender as manifestações culturais que envolvem o movimento.

Segundo Castellani Filho (2007, p. 220), esta abordagem:

[...] se respalda na Concepção Histórico- Crítica de Filosofia de Educação, veicular o entendimento de que o *movimento* que privilegiam enquanto elemento por excelência da Educação Física, reveste-se de uma dimensão humana, uma vez que extrapola os limites orgânicos e biológicos onde comumente se enquadra a atividade física, pois homem é um ser eminentemente cultural e o movimento humano, por conseguinte, representa um fator de cultura, ao mesmo tempo em que também se apresenta como seu resultado.

Professor 6, em sua fala, parece que está desenvolvendo esta consciência:

*A Educação Física está bastante voltada para a formação do cidadão, na formação da pessoa, não voltada só para o lado competitivo, também tem, mas, não se desenvolve só a Educação Física pensando na competição, a gente pretende formar o cidadão, é integrar ele na comunidade escolar e na sua própria comunidade através do esporte, da ginástica, das diferentes manifestações.*

Reitera-se também nesta fala, o nosso pensamento de que este componente curricular, deverá possibilitar aos alunos a autonomia e emancipação do pensamento, através de experiências reflexivas, críticas e sensíveis que ampliem o vocabulário corporal e cultural dos alunos.

E complementa Neira (2009, p. 40):

O objetivo da Educação Física é o mesmo objetivo da escola: colaborar na formação das pessoas para que elas possam ler criticamente a sociedade e participar dela atuando para melhorá-la. Dentro dessa missão, cada disciplina estuda e aprofunda uma pequena parcela da cultura. O que a Educação Física analisa é o chamado patrimônio corporal.

Nesta ótica, percebemos que não se concebe mais um pensamento reducionista e fragmentado, a realidade já não é mais unidimensional, mas multidimensional. Sobre a complexidade do mundo atual, que requer uma reforma do pensamento mais sintonizada com as novas realidades e suas respectivas demandas, Moraes (2004, p. 47) coloca:

Acreditamos que a configuração de um paradigma educacional envolvendo as dimensões emocionais e espirituais e o estudo de suas implicações didáticas, epistemológicas e curriculares possa ser uma contribuição significativa para a área educacional, no sentido de colaborar para o delineamento e a consolidação de novas propostas educacionais e respectivas práticas embasadas em sólida construção teórica, superadora do modelo tradicional do paradigma da simplificação ainda tão vigente nas escolas.

Propugnamos um modelo de ensino comprometido com as exigências da sociedade atual, pautado em uma abordagem pedagógica que propicie uma aprendizagem crítica e transformadora. É importante salientar que o docente ao optar por um determinado modelo,

por uma determinada abordagem, necessita entender o mundo que o educando vive e seu contexto, assim em que paradigma quer atuar e buscar dentro dele a realização docente.

### 5.3 CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Esta categoria contemplou uma das questões mais debatidas no âmbito da Educação Física Escolar, a questão da identidade e implicações, constante no Quadro 12.

A partir das entrevistas coletadas, subdividimos esta categoria em dois enfoques:

- a) 1º - Prática Pedagógica mais Próxima da Proposta Pedagógica;
- b) 2º - Educação Física como Componente Curricular.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>
5.3 Construção de uma Identidade de Educação Física	5.3.1 Prática Pedagógica mais Próxima da Proposta Pedagógica 5.3.2 Educação Física como Componente Curricular

Quadro 12 – Categoria 3  
Fonte: A Autora (2009)

#### 5.3.1 Prática pedagógica mais próxima da proposta pedagógica

Nesta subcategoria, um dos caminhos apontados pelos Professores entrevistados como sendo importantíssimo na Construção de uma Identidade de Educação Física na Escola, foi a questão da coerência entre a Prática Pedagógica desenvolvida pelo Professor e a Proposta Pedagógica relacionada à Disciplina.

Os educadores reconhecem a necessidade desta sincronização entre o que ‘se pretende’ e o que ‘se faz’. Nas falas dos Professores 1 e 2 percebemos essa preocupação. Professor 1: *Consciência. Professor fazer a cobrança e trabalhar dentro do que é correto ou do que tenta achar correto pelo menos, e seguir uma linha, não ficar mudando de abordagens/ propostas toda hora, tem que ter comprometimento.*

Diz o Professor 2:

*No nosso plano de Estudos, existe um monte de conteúdos para serem trabalhados, mas que acabam não sendo trabalhados realmente. Principalmente, por falta de material, nós estamos no mês de julho e recém a minha escola conseguiu uma verba. Então nós trabalhamos com uma bola de vôlei baleada e uma de futsal e a gente tem que se virar com vinte ou trinta alunos.*

Percebemos a persistência de um confronto entre o que realmente acontece na ‘sala de aula’ e o que se propôs a ser realizado.

Nestas falas aparecem dois pontos importantes: primeiro a questão da indefinição da proposta pedagógica, na qual o professor vai embasar a sua prática, e segundo a questão da falta de materiais, como uma das dificuldades que comprometem o desenvolvimento do trabalho. Estas questões interferem diretamente no planejamento e desenvolvimento das aulas de Educação Física.

O que se torna pertinente, neste contexto é qual a abordagem/proposta pedagógica em que vai ser trabalhada a Educação Física, pois de acordo com Martins e Fensterseifer (2009), se a Educação Física for trabalhada em uma perspectiva de treinamento, de desempenho, de aptidão física, a estrutura de materiais e espaços destinados às aulas deve ser a mais próxima da realidade do alto nível de treinamento possível; mas se for trabalhada numa perspectiva crítica, tematizando as manifestações da cultura corporal de movimento e abordando o esporte ‘da’ escola e não ‘na’ escola, a questão dos materiais e espaços adequados toma outro rumo.

É importante que o professor pense a sua prática pedagógica sustentada teoricamente, considerando que sua intervenção na escola é resultado de um processo de constituição e de formação profissional. Neste sentido o Professor 6 enfatiza:

*“É importante o conhecimento que o professor tem do assunto que ele vai desenvolver. Hoje em dia não se admite mais o professor botar duas bolas embaixo do braço e achar que vai dar uma aula de Educação Física”.*

Outra questão que apareceu nas falas dos professores foi quanto a desatenção da Mantenedora e da Escola dispensada à Educação Física. O Professor 5 assim coloca e exemplifica:

*[...] todo mundo tem material didático, sabe, tem a Matemática, a Biologia, o Português e a Educação Física? Eu trabalho de uma forma na quinta série, aí o professor lá de outra escola ou de outra cidade trabalha outros conteúdos naquela mesma série e o aluno que eventualmente é transferido de escola, como fica? Outra coisa, eu acho que é o policiamento da coordenação/supervisão que é digna sim dos Professores de Educação Física, para o meu trabalho acontecer tem que estar supervisionado, enfim, eu estou me cobrando, os alunos estão sendo avaliados de outra maneira e a Educação Física vai ser olhada de outra maneira também [...]*

Sentimos nesta colocação a falta de uma orientação da Mantenedora em relação ao Currículo e à ‘ineficácia’ do Plano de Estudos e do Projeto Político Pedagógico da Escola quando estes não são colocados em prática.

No que tange ao Currículo, recentemente tivemos uma orientação da Mantenedora Estadual sobre o Referencial Curricular para as escolas Estaduais (extensivo as escolas Municipais e Privadas) intitulado Lições do Rio Grande, que em sua proposta contém as habilidades e competências cognitivas e o conjunto mínimo de conteúdos que devem ser desenvolvidos em cada um dos anos letivos dos quatro anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. A partir desse Referencial, cada escola organizará o seu currículo. A autonomia pedagógica da escola consiste na liberdade de escolher o método de ensino, em sua livre opção didático- metodológica, mas não no direito de não ensinar, de não levar os alunos ao desenvolvimento das habilidades e competências cognitivas ou de não abordar os conteúdos curriculares determinados (LIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Referindo-se especificamente à Educação Física, em Lições do Rio Grande (2009, p. 114):

O Referencial Curricular da Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul sistematiza um conjunto de competências e conteúdos que esta matéria de ensino se encarrega de tratar. É um esforço de explicitação dos saberes considerados fundamentais neste campo, organizados com a intenção de auxiliar no planejamento e na implantação de propostas de ensino que favoreçam o processo de apropriação, problematização e uso criativo por parte dos alunos do que ali está sugerido. O referencial é um plano de apoio, e não, um texto substituto, ao processo de elaboração dos planos de estudo de cada instituição.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico Neira (2006, p. 138-139), menciona:

O Projeto Político Pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo construído e, em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova de cumprimento de tarefas burocráticas. Ele deve ser coletivamente vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

O Projeto Político Pedagógico busca alternativas para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, elabora estratégias para alcançar os objetivos propostos pela comunidade escolar e sugere ações para minimizar os problemas educacionais existentes, através de uma unidade de ação, envolvendo todos os segmentos da escola, mas o que percebemos é que muitas vezes o professor fica alheio ao Projeto, com sua prática solitária desenvolvendo o seu trabalho sem unidade de ação.

Quanto ao Plano de Estudos fica evidente que em nível de constituição: objetivo da disciplina, saber conhecer, saber fazer, saber conviver, metodologia, avaliação, estratégias de recuperação preventiva, temas transversais, projetos e atividades extraclases ele é extraordinário, mas só será efetivo se realmente o professor for comprometido com sua prática e proposta pedagógica, caso contrário se restringe a mais um documento burocrático.

Entendemos que estes documentos devam servir para um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola e de busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade.

### **5.3.2 Educação Física como Componente Curricular**

O Outro caminho apontado pelos Professores, na Construção de uma Identidade foi a Educação Física efetivamente como Componente Curricular.

Neste sentido, o Professor 4 corrobora:

*Eu vejo assim, para os alunos a Educação Física é disciplina, é inegável que é. Para nós professores também é, mas o que acontece é que as vezes, nós nos isolamos, não no sentido daquele separatismo, mas da forma como outros professores e até a equipe diretiva olham a Educação Física como: 'vocês é que sabem, vocês decidem' [...].*

A Educação Física inserida como Componente Curricular ocorreu via Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 e posteriormente, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na qual passa a ser integrada a proposta pedagógica da escola.

Em relação ao componente (BRASIL, 1997, p. 27), aparece que:

A Educação Física Escolar pode sistematizar situações de ensino e aprendizagens que garantam aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais. Para isso é necessário mudar a ênfase na aptidão física e no rendimento padronizado que caracterizava a Educação Física, para uma concepção mais abrangente, que contemple todas as dimensões envolvidas na prática corporal.

Com isso, emergiu a necessidade de um novo pensar e um novo agir dos Professores de Educação Física. Este novo pensar é caracterizado pela necessidade de se conceber a Educação Física Escolar nas mesmas condições dos demais componentes curriculares, nos quais a organização dos seus aspectos didáticos os consolidam na educação escolarizada.

Referindo-se ao novo agir, exige-se a participação mais efetiva dos Professores de Educação Física na construção do Projeto Político Pedagógico da Escola, pois ao considerá-la como componente curricular na área das Linguagens e Códigos (juntamente com Artes, Literatura, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira) as suas práticas deverão ser orientadas pelas diretrizes do Projeto Político Pedagógico. (MELO, 2006).

Gadotti (2000 apud NEIRA, 2007, p. 44) visualiza as medidas necessárias, vendo:

[...] no projeto político pedagógico um instrumento capaz de articular os diferentes atores da comunidade educativa, possibilitando que todas as vozes sejam ouvidas e suas idéias consideradas no que se refere, principalmente, ao direito à aprendizagem de todos e da emancipação social.

Assim, complementa Melo (2006, p. 188) “então, se os professores ficarem ausentes dos momentos de planejamento escolar, será difícil imaginar ações pedagógicas coerentes e pautadas nos eixos pedagógicos que organizam o trabalho escolar nos diferentes componentes”.

Na fala do Professor 3 podemos perceber no que tange a postura do Professor de Educação Física na escola frente ao *status* culturalmente construído:



*A maior dificuldade é a pasmaceira dos professores de Educação Física. Se eu não lutar pelo que é meu, ninguém vai lutar. O professor de Português vai lutar pela Educação Física? O diretor da escola, que nem vai na quadra para olhar se a gente está trabalhando ou não, vai lutar pela Educação Física? Não. Nós que temos que buscar nosso espaço [...] O que acontece na realidade é que a Educação Física nunca foi disciplina. Teoricamente, ela é uma disciplina, mas na prática ela ainda é uma recreação.*

Esta fala nos remete, mais uma vez, a questão do *status* de que a Educação Física por muito tempo foi relegada, ou seja, vista como um apêndice curricular caracterizada pela organização de atividades complementares e não pela função precípua de tratar pedagogicamente a Educação Física como cultura corporal de movimento.

E o Professor 2 complementa: *“a Educação Física está a parte. Eu percebo, eu procuro, sempre rever meu trabalho, mas acredito que, às vezes, a culpa é do próprio professor de Educação Física que não se dá o devido valor, que faz um trabalho totalmente descomprometido”*.

Para que tenhamos uma nova postura diante dessas colocações, se faz necessário uma reconstrução desta prática, a partir de um novo agir dos professores que deve ser implementado para dar sentido às práticas pedagógicas e às aprendizagens delas decorrentes, para Melo (2006).

Assim, concordamos com o Coletivo de Autores (1992), sobre a Educação Física enquanto prática pedagógica que, no âmbito escolar, deverá tematizar formas de atividades expressivas corporais, como jogo, esporte, dança e ginástica, às quais configuram uma área do conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

Sobre o componente curricular, Educação Física Bracht (1999 apud MARTINS e FENSTERSEIFER 2009, p. 16) define:

O componente curricular da Educação Física, contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento, cabendo a ela ser uma prática de intervenção que tematiza as manifestações da nossa cultura corporal de movimento com uma intenção pedagógica, buscando fundamenta-se em conhecimentos científicos, oferecidos pelas diferentes abordagens.

Nesse sentido a Educação Física somente será efetiva na escola quando deixar de ser tratada como mera atividade, executora de tarefas e ser realmente considerada enquanto componente curricular que trata da cultura corporal de movimento.

De acordo com Neira (2009, p. 40) esta transição já está ocorrendo:

Eu acredito que a Educação Física passou a ser reconhecida como um componente importante para a formação dos alunos. Antes, eram comuns as aulas fora do período regular, as dispensas por motivos médicos ou a substituição por atividades pouco relacionadas com a área, como conselhos de classe, por exemplo. Tudo isso colaborou para construir, na cabeça de alunos e professores, a representação de uma disciplina alheia ao projeto escolar, que servia apenas como recreação ou passatempo e não tinha nenhum objetivo pedagógico. Hoje, essa concepção não é mais dominante.

Betti (1992), ao justificar a presença da Educação Física na escola, afirma que a função pedagógica desse componente é integrar e introduzir o aluno no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, entre outras manifestações).

Nesta perspectiva, Coletivo de Autores (1992, p. 39) preocupam-se com a delimitação de um conhecimento específico da Educação Física Escolar. Os autores sugerem que uma teoria da prática pedagógica da Educação Física deve estar localizada no conflito entre “o que vem sendo e o que deveria ser”, e para que seja estabelecida está tensão, faz-se necessária uma reflexão sobre a cultura corporal de movimento, afirmando ainda que:

[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola.

Neste sentido, cabe organizar o conhecimento pedagógico da Educação Física de forma a garantir uma efetiva aprendizagem de seus conteúdos por parte dos alunos, relacionando-os com a realidade na qual estão inseridos. “As aprendizagens decorrentes das práticas pedagógicas devem ampliar a compreensão dos alunos em relação às práticas corporais e a sua própria cultura de movimento”, destaca Melo (2006, p. 189).

É de suma importância, que a Educação Física, faça parte da construção do Projeto Político Pedagógico da Escola, bem como seu Plano de Estudos contemple a formação dos alunos, para que estes, possam agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal de movimento e também de forma transformadora como cidadãos políticos.

Assim, concordamos com os Professores 1 e 6, ao referirem-se a esta postura:

Professor 1: “[...] participar principalmente das atividades da escola, não ficar alienado e só trabalhar na quadra ou no ginásio. A gente tem que estar por dentro de tudo o que ocorre na escola para poder também ter voz nas decisões [...]”.

Professor 6: “[...]atirar uma bola no pátio e deixar as crianças jogarem, hoje não é mais por aí. Os novos professores, com outras idéias, formação nova, então cabe a nós ir mudando essa cultura e fazer com que a Educação Física seja uma disciplina tão importante como as outras na escola”.

#### 5.4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROCESSO

Diante do novo cenário em que se apresenta a Educação, em meio à ‘transição’ ou ‘crise paradigmática’, o qual reflete em todas as áreas do conhecimento, inclusive na Educação Física, em que o aprender fica no centro das preocupações e a aprendizagem ganha novos significados, supõe uma nova atitude por parte do Professor de Educação Física. É a idéia principal desta categoria, que subdividimos em três subcategorias: A Formação como Professor de Educação Física, O Papel enquanto Professor de Educação Física e As Perspectivas como Professor de Educação Física, conforme Quadro 13.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>
5.4 O Professor de Educação Física como processo	5.4.1 A Formação como Professor de Educação Física 5.4.2 O Papel enquanto Professor de Educação Física 5.4.3 As Perspectivas como Professor de Educação Física

Quadro 13 – Categoria 4  
Fonte: A Autora (2009)

#### 5.4.1 A formação como professor de educação física

Evidenciamos nesta subcategoria, a questão do distanciamento entre teoria e prática, subentendida nos currículos de formação de Professores, embasadas numa concepção tradicional, profundamente redutora, na qual o saber é produzido fora da prática e sua relação com a prática restringe-se a aplicação.

Nesse sentido o Professor 5 corrobora: *“acredito que a Universidade está muito longe da escola [...] se aproximasse mais o discurso da Instituição com a realidade da escola seria bem mais fácil para a gente trabalhar.*

O pensamento sobre a formação de professores em relação a teoria e prática pode ser sintetizado nas palavras de Borges (1998, p. 19):

[...] a necessidade de transformações no que diz respeito à produção e à transmissão de conhecimentos. Revelando os vínculos entre a teoria e a prática, propondo rupturas quanto à fragmentação do conhecimento em áreas e disciplinas e reconhecendo a importância de uma sólida formação teórica, espera-se dar ao professor subsídios para a problematização de sua prática pedagógica e para a intervenção na prática social cotidiana.

Os cursos de Licenciatura solicitavam muito pouco das categorias intelectuais do conhecimento e síntese do graduado, impedindo sua utilização com elaborações pessoais, análise, detecção e resolução de problemas pertinentes à área. Sua formação restringia-se a reprodução de informações, sem autonomia e de forma acrítica, diz Ghilardi (1998).

A formação profissional em Educação Física passou por mudanças profundas. Antigamente os Cursos de Licenciatura em Educação Física formavam profissionais para atuar no ensino formal, cuja formação estava direcionada ao âmbito esportivo e não ao processo de escolarização. A execução de movimentos como um fim em si mesmo ao invés de buscar uma integração da educação pelo movimento com o processo de escolarização.

Nesse sentido, ressalta Pellegrine (1988, p. 258) que:

[...] o futuro profissional encontra sério problema decorrente da grande quantidade de disciplinas prático- esportivas obrigatórias nos currículos da Licenciatura em Educação Física, que é a dificuldade em caracterizar a própria Educação Física, confundindo a Educação do movimento, foco de atenção da Educação Física com a educação pelo movimento, não justificando sua existência nos currículos escolares principalmente no ensino da pré-escola e primeiro grau [...].

O autor faz ainda, uma reflexão acerca da dificuldade de se limitar um campo de estudo da Educação Física, uma vez que os esforços e interesses de cientistas de muitas áreas acabam se sobrepondo. Contudo afirma que há um consenso entre eles de que “ao final os resultados dos esforços acadêmicos levem a aplicações práticas sob às quais a sociedade avança”, conforme Pellegrine (1988, apud BORGES, 1998, p. 35).

Os estudiosos da área visualizaram a crise conceitual da Educação Física e assim buscaram uma reformulação teórico-acadêmica que pudesse caracterizar a Educação Física como uma área de conhecimento fundamentada e aplicada sobre o seu objeto específico de estudo.

De acordo com Bracht (1999), o objeto de estudo da Educação Física corpo/movimento direciona-se a diferentes concepções: inicialmente a atividade física, mais tarde ao movimento humano e recentemente a cultura corporal de movimento.

Cabe salientar que a definição do objeto da Educação Física deve estar diretamente relacionada com a função e o papel social a ela atribuído e que define o tipo de conhecimento buscado para sua fundamentação.

Seja qual for o objeto de conhecimento em questão, os processos de ensino-aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões: cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social.

Ao analisar a Educação Física na perspectiva da LDB nº 9.394/96, percebemos que, finalmente pelos textos legais, essa área de conhecimento libertou-se da visão biológica. Dessa forma, “Retira-se, com essa redação, a camisa- de- força que a aprisionava nos limites próprios ao famigerado eixo paradigmático da aptidão física, à medida que a vinculava tão somente à busca do desenvolvimento físico do aluno”, colocado por Castellani Filho (1998 apud NEIRA, 2007, p. 41).

É importante ressaltar que a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, bem como a inserção dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do novo contexto político e educacional influenciou enormemente a questão da formação do Profissional de Educação Física.

O Professor 5, neste contexto, pontua que:

*[...] houve falhas, mas coisas boas também. Acredito que a faculdade poderia trabalhar mais esta questão da Educação Física enquanto cultura corporal de movimento. Falta de coerência em relação ao currículo, a teoria muito distante da prática. O lado positivo é que o entendimento que tenho de Educação Física não se restringe ao esporte. A dança me proporcionou isto [...].*

O parecer nº 138/2002, do Conselho Nacional de Educação, constitui-se em um documento de referência para a criação do que se denominou Graduação em Educação Física. Este parecer identificou o direcionamento da formação superior em Educação Física para duas vertentes: atenção à Educação e atenção à Saúde e fundamentou a Resolução CNE 07/2004 que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física, que em seu Artigo 4º - Parágrafo 1º resolve:

O graduado em Educação Física deverá estar qualificado para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio das diferentes manifestações e expressões do movimento humano, visando a formação, a ampliação e o enriquecimento cultural das pessoas, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável. (BRASIL, 2004, seção1, p.18).

Com a criação do Bacharelado em algumas Instituições de Ensino Superior, houve uma reformulação nos currículos dos cursos de preparação profissional de Educação Física.

De acordo com Ghilardi (1998), com a criação do Bacharelado houve a diferenciação e a separação do Licenciado (professor), do Bacharel (profissional), visando atender, do ponto de vista profissional, às necessidades do mercado e da sociedade, ou seja, professores ligados à Educação Física Escolar e Profissionais ligados a Programas de Atividade Física no atendimento de diferentes necessidades da população.

Cabe ressaltar, que este estudo, está diretamente relacionado ao Professor de Educação Física Escolar, nossa atenção, volta-se a formação profissional em Educação Física no âmbito da Licenciatura.

No que diz respeito às relações dos Professores com os saberes docentes, Tardif (2004, p. 235) coloca:

[...] o trabalho dos professores deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício do professor [...] é uma idéia que se opõe à concepção tradicional da relação entre teoria e prática. De fato, segundo essa concepção, o saber está somente do lado da teoria, ao passo que a prática ou é desprovida de saber ou portadora de um falso saber baseado, por exemplo, em crenças, ideologias, idéias preconcebidas, etc.

E, ainda (p. 242), o que é necessário para o processo de formação estar mais próximo da realidade:

[...] é abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho relativo às crenças e expectativas cognitivas, sociais e afetivas através das quais os futuros professores recebem e processam esses conhecimentos e informações.

Percebemos o quanto é importante a atenção dispensada à questão da formação profissional, mais incisivamente na formação acadêmica, onde se dá o processo de construção e mobilização da proposta e prática pedagógica futura do professor.

Evidenciamos na fala do Professor 6: “[...] tivemos uma formação boa na época, só que havia uma distância muito grande entre a formação e a atuação na escola. Quando eu comecei foi muito difícil, hoje graças a Deus, está bem melhor [...]”.

Outra questão que surgiu nas falas, foi em relação à formação continuada, que embora os Professores entendam que a formação deve continuar acontecendo depois da graduação, a maioria fica restrita pela condição financeira.

Em relação à Mantenedora (Municipal, Estadual, Privada), enquanto uma não investe e não motiva os professores a participar, dificultando o acesso por questões burocráticas, outras se detêm em eventos direcionados à Educação num contexto geral e nunca específico a área da Educação Física. Com isso, os Professores que podem buscam fora da cidade de Santiago/RS esta atualização.

É importante registrar que, apenas um Professor focou a importância da formação continuada relacionada ao trabalho na escola, o Professor 6:

*[...] a gente deve estar sempre se atualizando. As coisas vão mudando, às vezes tinha uma idéia de que as coisas funcionavam de um jeito, vem uma pesquisa e comprova que o pensamento já não é mais o mesmo, então se tu não te atualizar, vais acabar ficando para traz e conseqüentemente refletindo no teu trabalho na escola [...].*

Percebemos que, embora existam alguns entraves na questão da formação profissional, os Professores entrevistados compartilham do entendimento de que, se deve hoje, formar um professor crítico, autônomo, reflexivo e que possa fazer o mesmo com seus alunos.

Destacamos também a importância do objeto de estudo ser caracterizado e definido para que a Educação Física possa traçar novos caminhos e assim a formação profissional atenda às necessidades da sociedade e as novas exigências do mercado de trabalho.

O professor de Educação Física, neste contexto deve levar em conta a questão da diversidade como eixo central a ser trabalhado em suas aulas, deixando claro que as atividades desenvolvidas devem ser organizadas de forma que todos os alunos possam participar. Independente do conhecimento abordado, a convivência harmônica em relação às diferenças de habilidades entre os educandos deve ser respeitada.

#### **5.4.2 O papel enquanto professor de educação física**

Nesta subcategoria observamos, que o Papel enquanto Professor de Educação Física, está diretamente relacionada à formação profissional, e que conseqüentemente implicará em sua prática pedagógica.

Esta questão também é uma das mais debatidas pelos estudiosos da área, pois com todas as alterações que a escola vem sofrendo, não se permite mais um professor alheio aos anseios e interesses do educando.

Professor 2: *“[...] a gente tem um papel fundamental, na questão da educação, de valores, temos uma relação diferenciada com os alunos, temos uma aproximação maior, temos uma papel fundamental nessa questão da educação para a vida”.*



Sua função é muito ampla e complexa, pois sobre o professor recai uma grande responsabilidade, “o professor de Educação Física é um educador profissional e, como tal não lhe compete apenas transmitir os conteúdos de ensino de sua disciplina, pois, antes de tudo, ele faz parte integrante e ativa do processo educativo”, para Hurtado (1988, p. 74).

O professor que teve uma formação tradicional, cujas características remetem a um professor diretivo, autoritário e que ocupa o papel de treinador em detrimento do professor, com a ênfase na valorização da prática esportiva acrítica e subjugada da competição e da performance; provavelmente este professor não teve um olhar sobre o educando. “O resultado foi um professor com a prática pedagógica marcada pela ausência do prazer, da ludicidade e da harmoniosa e equilibrada interação com o aluno”, destaca Galvão (1999, p. 71).

Por mais que, ainda tenhamos resquícios desta formação pautada no paradigma da aptidão física e esportiva, hoje as diferentes abordagens da Educação Física se apresentam como uma alternativa para uma prática pedagógica diferenciada, em vez de formar atletas, analisar a cultura corporal de movimento.

Sobre o papel do professor, hoje, com propriedade coloca Neira (2009, p. 40):

Nosso papel é investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos, criando esportes, jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras e danças, entender as condições que inspiram essas criações e experimentá-las, refletindo sobre as quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar.

Cabe destacar também, a responsabilidade dos professores em assumir um compromisso ético e político na educação de seus alunos, não apenas no que se refere à transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, no que se refere à formação para a vida.

Nesse sentido, os Professores corroboram:

Professor 2: “[...] a gente tem um papel fundamental, na questão da educação, de valores, temos uma relação diferenciada com os alunos, temos uma aproximação maior, temos uma papel fundamental nessa questão da educação para a vida”.

Professor 5: “[...] em primeiro lugar professor é um educador, então ele tem que dar o exemplo, tem que ser ético, porque se tu senta e entrega uma bola, tu não está sendo ético com a tua profissão, o professor de Educação Física tem que amar a profissão [...]”.

Os educadores na relação professor-aluno reconhecem no professor um facilitador, orientador das atividades e responsável por estimular uma participação maior e consciente nos alunos. Percebemos na fala do Professor 5 essa preocupação: “o professor de Educação Física deve promover o aluno a cada aula, o direito dele intervir, de perguntar, motivar esse aluno não só através do esporte, mas também de outras manifestações e sempre ter em mente ao final de cada ano o que meu aluno aprendeu?”

Chamamos atenção para questão da diversidade que deverá ser um eixo a ser trabalhado nas aulas, deixando claro que as atividades desenvolvidas devem ser organizadas de forma que todos os alunos possam participar. Independente do conhecimento abordado, a convivência harmônica em relação às diferenças de habilidades entre os alunos deve ser respeitada.

Ainda na relação professor-aluno podemos perceber a questão da afetividade como um agente facilitador no processo de aprendizagem, como podemos ver na fala do Professor 6:

*O Professor de Educação Física é o máximo na escola, porque quando eu estou chegando na escola, as crianças vem ao meu encontro, beijam, abraçam, eles te contam coisas que não contariam nem para os pais. Eles depositam muita confiança na gente e nós enquanto professores temos que valorizar e respeitar, esse vínculo é fundamental [...].*

Sobre a questão da afetividade, Mosquera e Stobäus (2006, p. 130), nos chamam a atenção para:

A afetividade, expressada pelos sentimentos, reflete as relações das pessoas, e é essencial para a atividade vital no mundo circundante. Pelas modificações dos sentimentos e sua expressão comportamental, podemos analisar a mudança de atitude do ser humano frente às circunstâncias mutáveis ou estáticas de sua vida, em determinados contextos de tempo e espaço. Por outro lado, a vida afetiva nos propicia pistas para conhecer o tipo de personalidade que desenvolveu e de educação que a pessoa recebeu em sua existência.

Concordamos com o Professor 6 e salientamos com as idéias de Mosquera e Stobäus (2006), que esta relação de afeto que se estabelece entre o Professor de Educação Física e os

alunos parte de uma visão saudável, positiva da vida sem abandonar o realismo que devemos possuir para tornar nossos desejos e objetivos concretos.

Outro importante viés que emergiu foi direcionado à Saúde. Nesta perspectiva Educação Física/ Saúde enquanto prevenção e hábitos saudáveis para uma melhor qualidade de vida e bem-estar.

O Professor 3 expressa esse pensamento de forma bem clara e sucinta:

*Eu acho que o papel da gente é mostrar que a Educação Física é uma questão de saúde, de higiene pessoal, o exercício físico deve fazer parte da vida do ser humano [...] Quando vou dar aula de ginástica e digo para as meninas quando a gente faz um exercício de abdominal não só para ficar com a barriguinha bonitinha, mas porque protege a coluna, fortalece, sempre procuro dar um enfoque para a saúde da pessoa.*

Mosquera e Stobäus (1984) já teorizavam sobre a necessidade da saúde ser levada às instituições de ensino. Através do Livro intitulado: Educação para a Saúde – desafio para sociedades em mudança, os autores propõem idéias com as quais se possa rever os currículos nas escolas para poder preparar gerações mais conscientes referente à saúde e sua preservação, e aproximar profissionais de diferentes áreas para uma ação conjunta que leve o benefício da condição humana.

Assim, o Papel do Professor não se limita na capacidade de ensinar conhecimentos específicos, mas imbuído num processo maior que além de transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e agir para se viver em sociedade, fica claro que não se pode transmitir todos esses aspectos descartando o aspecto afetivo.

### **5.4.3 As perspectivas como professor de educação física**

Entendemos que uma nova Prática Pedagógica alicerçada por uma nova visão de mundo e de ser humano é imprescindível na escola hoje.

O caminho até aqui percorrido para tornar a disciplina Educação Física importante no contexto escolar não foi fácil, pois ela ainda busca se legitimar perante a escola, ou seja, busca ‘seu lugar no espaço’.

O que nos faz acreditar nesta possível mudança é a postura com que a maioria dos Professores entrevistados adotam em relação aos obstáculos na escola e com os próprios alunos: não perdendo a motivação para trabalhar, buscando realizar um trabalho comprometido com os objetivos da disciplina e ao mesmo tempo preocupando-se com o que é mais importante no processo educativo o aluno.

Embora o campo de atuação profissional hoje seja abrangente, a Licenciatura em Educação Física de acordo com o Professor 4: “[...] *é uma boa profissão, tem oportunidades sim, basta tu ter boa vontade de trabalhar e gostar de trabalhar a Educação Física na escola*”.

Entretanto, é importante salientarmos que para um bom desenvolvimento do trabalho é necessário condições para que ele aconteça, e como é unânime a questão do desenvolvimento integral do aluno, ressaltamos que é fundamental a intervenção do Professor de Educação Física na Educação Infantil.

Benck (2009, p. 11) ressalta a importância de se promover a qualidade da Educação Física Escolar e demonstrou através de sua pesquisa na Universidade de Brasília (UNB), que a base do desenvolvimento cognitivo e motor está na inclusão da Educação Física no Ensino Infantil, e complementa que:

As crianças são inseridas aos onze ou doze anos nas aulas de Educação Física, diretamente em um contexto de jogos. Como ela vai jogar se não tiver uma preparação básica anterior? As vivências perceptivo-motoras são fundamentalmente no processo de autonomia da criança, no conhecimento do ambiente (e na interação com este) e no conhecimento do próprio esquema corporal.

Neste sentido, somente os Professores entrevistados que trabalham na Escola Privada são contemplados na Educação Infantil.

A Mantenedora Estadual, representada pelo Coordenador de Educação Física, Esporte e Lazer quanto a Municipal, representada pela Secretária de Educação colocam que temos

uma Lei Estadual sob nº 8747/1988 da Unidocência que não é contrária ao que consta na LDB no que tange a Educação Física: “disciplina obrigatória em todos os níveis do ensino básico”. O termo unidocente significa que a professora das classes iniciais, e nela se inclui a Educação Infantil deve ser a única Regente de Classe, sem contar com algum professor especializado (Educação Física ou Artes).

Sem dúvida esse é um ponto que merece respaldo junto às políticas públicas para que se viabilize a obrigatoriedade da atuação do Professor de Educação Física em todos os níveis, ciclos ou séries da Educação Básica.

Outra questão que é digna de reivindicação por parte dos Professores entrevistados é a questão da carga horária reduzida para a Educação Física, a maioria das escolas dispõem de dois períodos por semana, sendo que algumas escolas ficam restritas a um período por semana.

Assim, o Professor 5: *“é um sonho ter uma hora de aula, duas vezes por semana. Queria ver meus alunos mais satisfeitos e os professores querendo uma educação física melhor”*.

Neste contexto, é importante reafirmar que a Escola tem total autonomia na construção de seu Projeto Político Pedagógico e sendo assim é neste que se define a carga horária de cada disciplina. Portanto, é o Professor de Educação Física que deve justificar a permanência da sua disciplina no currículo e apresentar sua finalidade, argumentando e convencendo a comunidade de sua importância e necessidade a ser oferecida na escola.

Quando o professor 6 fala que *“ser professor não é uma profissão que vai te enriquecer financeiramente, mas te dá condições de ter uma vida digna e te proporciona construir significados”*, reitera o nosso pensamento de que, se espera que o Professor de Educação Física seja um agente de transformação e que a liberdade de ação do professor estimule a permanência do espírito de busca, indispensável a quem se dedica ao ensino. Quem sabe um dia ele venha a ser reconhecido e remunerado como realmente merece.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLETINDO POSSIBILIDADES

Ao chegarmos ao final desta Dissertação, temos a sensação de conquista por poder concluir essa etapa tão sonhada em nossa caminhada profissional, muitas vezes angustiada e inquieta, em meio ao embate entre as leituras e a quadra ou o campo da escola, e outras vezes entusiasmada com as teorias, trabalhos, e falas dos professores e dos colegas pontuando que a mudança por mais que complexa ela pode e deve existir, a partir do ‘meu pensar e agir’ diferente. Nada que (são 450 km entre Santiago e Porto Alegre), todas as semanas durante o período de um ano e meio, não pudesse servir de estímulo e reflexão, ressaltando uma frase que nos é cara: quando queremos muito alguma coisa, temos que batalhar e acreditar para podermos chegar até lá, neste caso até aqui.

O processo de pesquisa traz à tona muitas reflexões, certezas e outras interrogações. Entendo que o conhecimento produzido é inacabado, pois, esta Dissertação é apenas mais um passo do longo caminho da busca por problematizar a questão da Educação Física Escolar e promover mudanças em práticas que estão naturalizadas nas escolas.

Acreditamos que a prática pedagógica do Professor de Educação Física está fundamentada com base em sua formação inicial, na abordagem pedagógica desenvolvida (no paradigma educacional definido) e no papel enquanto professor de Educação Física Escolar.

Assim, a partir dos questionamentos que nortearam este estudo, dos relatos dos Professores, apontados nas entrevistas realizadas, bem como, das teorias e reflexões acerca da Educação Física Escolar, passamos a apontar direções para a construção de um novo olhar sobre a área.

As conclusões que neste momento tornam-se claras, pois seguiram a ordem das Questões Norteadoras durante todo o estudo, para melhor entendimento do processo.

A primeira questão norteadora a partir do problema de pesquisa e objetivo da mesma foi:

**- Qual abordagem pedagógica da Educação Física está sendo desenvolvida nas escolas hoje?**

Podemos perceber que os Professores entrevistados, em relação às abordagens pedagógicas, colocaram que ainda desenvolvem suas práticas pedagógicas embasadas numa abordagem tradicional/tecnicista, resquícios do paradigma da aptidão física e esportiva, mas percebem na área um movimento de transição. Esta transição, embora lenta, está ocorrendo, uma vez que os professores mostram consciência de que os alunos vão para a aula de Educação Física com objetivos diferenciados e percebemos que, hoje não há mais espaço para uma prática estritamente direcionada ao ‘professor bola’.

Sabemos que o esporte e a competição fazem parte do processo de aprendizagem dos alunos, o que nos preocupa é a maneira como estes são conduzidos na escola.

Cabe neste contexto, que o professor desenvolva outras estratégias de aprendizagem, como a importância de determinado esporte através de sua história, de como é desenvolvido em diferentes culturas, de como seria praticado com regras diferenciadas e trabalhar a competição através de valores como companheirismo, solidariedade, responsabilidade, entre outros, ou seja, numa abordagem pedagógica progressista.

Os professores simpatizantes da abordagem pedagógica progressista colocaram que não estão mais direcionando a sua prática somente para ensinar determinadas modalidades esportivas, mas para uma compreensão maior do movimento e de uma visão ampla de ser humano, desconsiderando a dicotomia (corpo-mente) e considerando o aluno como um todo.

Compreendemos que o ensino não pode ser analisado à luz de modelos passados, mas precisa ser confrontado com os interesses que permeiam a sociedade contemporânea.

Assim, para que ocorra uma ‘mudança de postura’, frente à abordagem pedagógica vigente, é necessário conhecimento, comprometimento e persistência, pois o processo é complexo e implica em um entendimento paradigmático, que refletirá na abordagem e conseqüentemente na prática pedagógica do professor.

É importante enfatizar que o docente deve repensar a forma que vem trabalhando, buscando entender o mundo que o educando vive e seu contexto, para que assim, possa atuar significativamente na aprendizagem e na formação do mesmo.

A segunda questão elencada pelo objetivo desta investigação foi:

**- Quais as dificuldades observadas pelos professores, para que a Educação Física, seja consolidada e legitimada como disciplina na escola, junto aos alunos, professores, pais e equipe diretiva?**

Um dos entraves colocados pelos educadores é a falta de sincronização entre a prática desenvolvida pelo professor e a proposta pedagógica direcionada à disciplina. A indefinição da proposta pedagógica e a falta de materiais são colocados como atenuantes que comprometem o desenvolvimento do trabalho.

Outra dificuldade que aparece, de acordo com os entrevistados é a desatenção da Mantenedora em relação ao currículo e a ineficácia do Plano de Estudos e do Projeto Político Pedagógico, quando estes não são tratados com a devida importância.

Em relação à Mantenedora Estadual, recentemente tivemos uma resposta na questão do currículo, através do Referencial Curricular – Lições do Rio Grande, (extensivo as escolas Municipais e Privadas), em que propõe unificar as habilidades, competências e conteúdos que devem ser desenvolvidos em cada um dos anos letivos dos quatro nos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Em relação aos Planos de Estudos e ao Projeto Político Pedagógico, entendemos que estes devam servir para um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola e de busca de alternativas viáveis a efetivação de sua intencionalidade.

A Educação Física efetivamente como componente curricular é o grande desafio.

Por muito tempo a Educação Física foi relegada ao status de um apêndice curricular caracterizada pela organização de atividades complementares e não pela função precípua de tratar pedagogicamente a disciplina.

Assim, somente será efetiva na escola quando deixar de ser vista como mera atividade, executora de tarefas e ser realmente considerada como um componente curricular importante para a formação dos alunos, assim como as demais disciplinas e para que este processo ocorra o papel do professor é fundamental.



A terceira Questão Norteadora foi:

**- Qual o papel enquanto professor de Educação Física?**

Observamos que existe um consenso em não se permitir mais um professor alheio aos anseios e interesses de seus alunos. Por mais que, ainda tenhamos resquícios de uma formação pautada no paradigma da aptidão física e esportiva, como já foi colocada anteriormente, hoje com as diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física, as quais se apresentam como alternativas para uma prática pedagógica diferenciada, não se permite um professor que em vez de desenvolver a cultura corporal de movimento, pretende formar atletas.

Cabe ao professor a responsabilidade em assumir um compromisso ético e político na educação de seus alunos, não apenas no que se refere à transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, no que se refere à formação para a vida.

Os professores entrevistados reconhecem na relação professor-aluno a questão da afetividade como um agente facilitador no processo de aprendizagem, devido a grande empatia dos alunos com o professor e com a disciplina.

Contudo, o papel do professor não se limita na capacidade de ensinar conhecimentos específicos, mas imbuído num processo maior, que além de transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e agir para se viver em sociedade, fica claro que não se pode transmitir todos esses aspectos descartando o aspecto afetivo.

A quarta Questão Norteadora, não menos importante, do estudo foi:

**- Quais as perspectivas como professor de Educação Física nos dias de hoje?**

Embora ocorram alguns entraves relacionados ao Professor de Educação Física seja na sua formação, no seu trabalho docente e até mesmo na formação continuada o que destacamos a partir dos entrevistados é que: buscam não perder a motivação para trabalhar, dentro das possibilidades buscam realizar um trabalho comprometido com os objetivos da disciplina, e têm a preocupação com o que é mais importante no processo educativo o aluno.

Concordamos, lembrando que ressaltou o professor 6, que *“ser professor não é uma profissão que vai te enriquecer financeiramente, mas te dá condições de ter uma vida digna e te proporciona construir significados”*. Assim reafirmamos nosso pensamento de que a liberdade de ação do professor estimule a permanência do espírito de busca, indispensável a quem se dedica ao ensino. E quem sabe, um dia este profissional venha a ser reconhecido e remunerado como realmente ele merece.

Finalizando esta pesquisa, evidenciamos também, que assim como esta investigação, os estudos apresentados nos Grupos de Trabalhos Temáticos e nas Linhas de Pesquisas do CBCE, ANPED e CAPES que norteiam as reflexões sobre a Educação Física Escolar voltam a atenção para a construção de um cidadão integral, desconstruindo práticas e transformando papéis. Reiterando a urgência da Educação Física por ações que efetivem o seu papel no contexto escolar.

Entretanto, para que a Educação Física consolide o seu papel na escola, devemos investir em formação inicial, permanente e continuada, aproximando a Universidade da Escola, buscando reorientar o idioma pedagógico. E que o professor seja engajado e comprometido com a escola, com a disciplina e com os alunos, mediante uma prática democrática, contribuindo na formação de um cidadão autônomo, reflexivo e transformador.

Enfim, acreditamos que o novo olhar sobre a Educação Física está sendo construído, numa visão prospectiva de educação, onde o professor se propõe a trabalhar com o intuito de abandonar as dicotomias do mundo moderno e oferecer a oportunidade permanente de construção do conhecimento mediante a interação de corpo-espírito-mente, através de uma conduta humanizadora que visa respeitar as exigências da complexidade, tratando do processo ensino- aprendizagem como um espaço permeado por pensamentos, sentimentos e ações, em que o aluno é convidado a ser protagonista de sua história.

Contudo, é necessário repensar a Educação na sua totalidade, pois para que tenhamos uma postura adequada frente às necessidades de uma sociedade contemporânea, precisamos romper com um pensamento e uma prática que não condizem mais com a realidade social que temos hoje.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Wanderson Ferreira. **Paradigmas, Saberes e Práticas: Uma Análise nos Cursos de Especialização em Educação Física Escolar**. In: REUNIÃO DA ANPED, 27. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

AZEVEDO, Edson; SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em educação física. **Revista Kinein**, Florianópolis, v.1, n. 1, set./dez. 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_; FLACH, Carla Regina. Paradigmas educacionais e sua influência na prática pedagógica. Congresso Nacional de Educação, EDUCERE, **Anais...**, p. 119-129, Paraná, 2008.

BENK, Rossana. Educação física e esporte escolar: da formação à competição. **Revista do Conselho Federal de Educação Física**, Ano IX, n. 32, p. 11, jun. 2009.

BERTRAND, Yves; VALOIS, Paul. **Paradigmas Educacionais: escola e sociedades**. Portugal: Instituto Piaget, 1994.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo, Movimento, 1991.

\_\_\_\_\_. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para que? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p.282- 287, 1992.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor de educação física e a construção do saber**. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

BRACHT, Valter. Constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 69-88, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz.** Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento?** Recife, 2004.

BRAID, Liana Maria Carvalho. **Educação Física na escola: uma proposta de renovação.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 09 out. 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei n. 9394/96). Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Sistema Educacional Brasileiro: Percurso, Paradoxos e Perspectivas.** Campinas: UNICAMP, 1999. Dissertação (Mestrado), Universidade de Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta.** Campinas, 14 ed. SP: Papiros, 2007.

CARVALHO, Yara Maria de; LINHALES, Meily Assbú. **Política científica e produção do conhecimento em educação física.** Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COLL, César. **Psicologia e currículo.** São Paulo: Ática, 1997.

CRUZ, Gilmar de Carvalho. Formação Continuada em Ambientes Escolares Inclusivos: Foco nos Professores de Educação Física. In: REUNIÃO DA ANPED, 30. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

DARIDO, Suraya. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papiros, 1994.

\_\_\_\_\_. Educação física escolar: uma abordagem cultural. In PICCOLO, V. (org.). **Educação física escolar: ser ou não ser**. Campinas: UNICAMP, 1993.

DELORS, Jacques, et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes. Professor de Educação Física: licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho. **Fundamentos Pedagógicos da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987, p. 15-33.

FERRAZ, Osvaldo Luiz. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, n.2, p. 16-22, 1996. Suplemento 2.

\_\_\_\_\_. Reflexões de professores sobre a educação física na educação infantil incluindo o referencial curricular nacional. **Revista Paulista de Educação Física**, n.1, p. 83-102, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. Campinas: Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GALVÃO, Zenaide. **A interação professor-aluno em aulas de educação física**. Rio Claro: UNESP, 1999. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, 1999.

GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Revista Motriz**, v. 4, n.1, junho, 1998.

GHIRALDELLI JR , Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo, Loyola, 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Dartagnan Pinto; GUEDES, Joana Elisabete. Subsídios para a implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da educação física escolar. **Revista da Associação de Professores de Educação Física de Londrina**, v. 8, n. 15, p. 3- 11, 1993.

HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino de educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

HURTADO, Johann. **O ensino da educação física: uma abordagem didático-metodológica**. 3. ed. Porto Alegre: Prodil, 1988.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

\_\_\_\_\_. **Transformação didático- pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1996.

KRUG, Rodrigo; KRUG Hugo. **Os diferentes motivos da escolha da licenciatura em educação física pelos acadêmicos do CEFD/UFMS**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com.br>>. Acesso em: 09 out. 2009.

LE BOULCH, Jean Mattos. **O corpo na escola no século XXI: práticas corporais**. São Paulo: Phorte, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. A Pedagogia Histórico- Crítico Social dos Conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.

LINCON, Yvona; GUBA, Egon. **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills: Sage Publication, 1985.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCHESI, Álvaro. **O bem estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, Fabrício; FENSTERSEIFER. **Educação física escolar como componente curricular: intenções e impasses.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com.htm> . Acesso em: 13 jan. 2009.

MATURANA, Humberto. **Conhecendo as profissões.** Disponível em: <<http://www.plugcom.net/colunistas.htm>>. Acesso em: 18 set. 2009.

MELO, José Pereira. Perspectivas da educação física escolar: reflexão sobre a educação física como componente curricular. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 20, p. 188- 190, set. 2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários a Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. A educação no terceiro milênio. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 26, n. Especial, p. 43-58, 2003.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. **Educação para a saúde: desafios para sociedades em mudança.** 2 ed. Porto Alegre: Luzzatto Editores Ltda, 1984.

\_\_\_\_\_. Educação Social: presentes e prospectivas. **Revista ADPPUCRS**, Porto Alegre, n. 3 p. 85-92, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Revista Educação**, Porto Alegre- RS, ano XXIX, n. 1, p. 123- 133, jan./abr. 2006.

NAHAS, Markus Vinicius. **Atividade física, aptidão física e saúde.** Florianópolis: Material Didático, 1989.

NANNI, Dionísia. **Dança educação: pré-escola à universidade.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física: desenvolvendo competências**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ensino de educação física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da cultura corporal: críticas e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

\_\_\_\_\_. Em vez de formar atletas analisar a cultura corporal. **Revista Nova Escola**, p. 38-49, 2009.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.

PEREIRA, Iêda Lucia; HANNAS, Maria Lúcia. **Nova prática pedagógica: propostas para uma nova abordagem curricular**. São Paulo: Gente, 2000.

RIO GRANDE DO SUL. **Referências Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Lições do Rio Grande – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/ Secretaria de Educação**. Porto Alegre: SE/ DP, 2009.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A Síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p.209- 222, jul./set. 2005.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Corpo, movimento e educação física: considerações sobre a prática pedagógica**. 1997. Disponível em: <<http://www.cev.org.br>>. Acesso em: 16 out. 2009.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **O saber e o fazer pedagógicos: a Educação Física como componente curricular? Isso é história?** Recife: EDUPE, 1999.

STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.



TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. **A Formação do Profissional da Educação:** o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física. Campinas: UNESP, 1993. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

TERRIEN, Jaques. **O saber social da prática docente.** Fortaleza: Faculdade de Educação/ Universidade Federal do Ceará, 1993.

VERENGER, Rita de Cássia Garcia. **Preparação profissional em educação física.** Simpósio Paulista de Educação Física. Rio Claro: Universidade do Estado de São Paulo, 1995. p. 74.

ZEICHNER, Kenneth. **Novos caminhos para o *practicum*:** uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, A. Os professores e sua formação. Lisboa, Dom Quixote, 1992.

**ANEXOS**

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXO B – Questões da Entrevista

**ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido**

O estudo “UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE TEORIAS E REFLEXÕES QUE CONTEMPLAM A ÓTICA DOCENTE” tem como proposta analisar que abordagem pedagógica da Educação Física está sendo desenvolvido nas Escolas: Municipais, Estaduais e Privadas da Cidade de Santiago/RS. Para que seja desenvolvido, contamos com sua colaboração em uma entrevista.

Eu, \_\_\_\_\_, recebi informação de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a forma como participarei dessa pesquisa, sem ser obrigado a responder eventuais questões que considero sem importância para mim. Assim, a qualquer momento, posso esclarecer as dúvidas que tiver em relação ao estudo, assim como tenho a liberdade de deixar de participar dele, sem que isto me traga qualquer dificuldade.

A pesquisadora CRISTIANE SEVERO (Fone: 55-9997-6558), Professora Rede Estadual da Cidade de Santiago/RS, Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e meu Orientador Professor Doutor CLAUS DIETER STOBÄUS, somos responsáveis por esta Pesquisa. Asseguramos que você, como entrevistado, não será identificado, preservando-se seu anonimato, bem como sua privacidade.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento e que este formulário foi lido pelo pesquisador, enquanto eu estava presente.

Santiago, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Assinatura de entrevistado \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Cristiane Severo \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus \_\_\_\_\_

## **ANEXO B - Questões da entrevista**

- 1-) Qual sua formação?
- 2-) Qual o seu tempo de serviço, no exercício ativo do magistério?
- 3-) Por que você escolheu trabalhar com Educação Física Escolar?
- 4-) Qual a sua visão atual sobre a Educação Física no contexto escolar?
- 5-) No seu entendimento que abordagem pedagógica de Educação Física está sendo desenvolvida hoje nas escolas?
- 6-) Quais os caminhos que você percebe para que a proposta educacional fique mais próxima de sua prática pedagógica?
- 7-) Quais as dificuldades que você observa para que a Educação Física seja consolidada e legitimada como disciplina na escola, junto aos alunos, professores, pais e equipe diretiva?
- 8-) Se pudesse optar, em qual área de atuação em Educação Física você trabalharia hoje?
- 9-) Quais são as perspectivas como Professor de Educação Física nos dias de hoje?
- 10-) Como você considera que foi sua formação, desde a graduação até agora (Pós, Formação Continuada, Participação em Eventos, Congressos, Oficinas, Publicações)?
- 11-) Qual o papel do Professor de Educação Física para você?